



UniCEUB Centro Universitário de Brasília FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE - FACES

CURSO DE PSICOLOGIA

**“500 DIAS COM ELA”: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE RELAÇÕES
AFETIVAS**

HELEN CAROLINA FERREIRA PEREIRA

Brasília – DF

Julho de 2013



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE- FACES

CURSO DE PSICOLOGIA

**“500 DIAS COM ELA”: ANÁLISE COMPORTAMENTAL DE RELAÇÕES
AFETIVAS**

HELEN CAROLINA FERREIRA PEREIRA

Monografia apresentada ao Centro
Universitário de Brasília como requisito
básico para obtenção do grau de
Psicólogo da Faculdade de Ciências da
Educação e Saúde (Faces).

Professor Orientador: Dr. Carlos
Augusto Medeiros.

Brasília - DF

Julho de 2013



Folha de Avaliação

Autor (a): Helen Carolina Ferreira Pereira

Título: “500 Dias Com Ela”: Análise Comportamental de Relações Afetivas

Esta Monografia foi aprovada pela comissão examinadora composta por:

Prof. Dr. Carlos Augusto Medeiros

Prof. Msc. Rodrigo Gomide Baquero

Prof. Msc. Renata Souza Vale

A menção final obtida foi:

Brasília

Julho de 2013

DEDICATÓRIA

À minha irmã, Viviane Ferreira, sem a qual a realização desse trabalho, e até mesmo a minha formação não teria sido possível. Você foi um anjo que Deus enviou para cuidar de mim, antes que eu aqui chegasse. Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

À Deus, pela vida, e também por todas as oportunidades que tive, e pessoas que pude conhecer ao longo dessa jornada.

Ao meu pai Francisco (*in memoriam*), pelo fato de que não poderia mensurar sua alegria caso estivesse presente nesse momento de conquista da minha vida. Por acreditar em mim sempre!

À minha mãe, pelo exemplo de amor e desprendimento.

Ao meu pai de criação, José, por ter sido sempre um bom companheiro para minha mãe, e pelo auxílio na educação de suas três filhas.

Aos meus irmãos, João Victor, Viviane Ferreira e Tatiane Ferreira, vocês são a minha melhor parte.

Aos meus sobrinhos, Erick e Eduardo, a vida ficou muito mais alegre e bonita desde que vocês chegaram. Amo muito vocês!

À minha madrinha, Maria Ferreira, cujo apoio foi primordial para a realização deste sonho.

Aos professores, João Vicente de Souza Marçal e Maria Cristina Loyola dos Santos, pelo incentivo e atenção que sempre dispensaram a mim, e por serem, em parte, responsáveis pelo interesse despertado pela Análise do Comportamento.

À minha amiga de caminhada acadêmica, e agora profissão, Tati Lopes Borém, por ser sempre tão doce e companheira nessa jornada. Ter conhecido você enriqueceu minha vida.

Aos meus amigos, Filipe Augusto, Alessandro Rezende, Daniela Domingues, Patrícia Porto e Kátia Lopes, por todos os momentos de risadas, alegria e apoio.

Ao meu orientador, Carlos Augusto Medeiros, por todo incentivo, paciência e orientação na realização deste trabalho.

À banca examinadora, pelo tempo dispensado na avaliação desse trabalho.

Aos professores desta instituição, pelo aprendizado que me proporcionaram nesta jornada.

EPÍGRAFE

*“Enquanto a vida vai e vem, você procura
achar alguém, que um dia possa lhe dizer,
quero ficar só com você.*

Quem inventou o amor?

Me explica por favor!”

Legião Urbana - Antes das Seis

SUMÁRIO

Resumo	ix
Introdução	01
Capítulo 1. Comportamento Emocional	03
Capítulo 2. Relações Afetivas	10
Capítulo 3. Determinantes Sociais do Comportamento	20
3.1. Comportamento Verbal	21
3.2. Regras	27
3.3. Aprendizagem Vicariante.....	32
Capítulo 4. Resumo de Trabalhos Correlatos.....	36
4.1. Análise Sobre os Padrões de Relacionamentos no livro “Sex And The City”.....	36
4.2. Uma discussão do filme “The Bridges of Madison County”	39
4.3. Análise Comportamental dos Contos de fadas: Uma questão de gênero.....	43
4.4. Análise Documental do Filme “Alfie: O sedutor”.....	45
Capítulo 5. Descrição do Filme “500 dias Com Ela”.....	47
5.1. Enredo	47
5.2. Breves Considerações	50
Capítulo 6. Análise do Filme	51
6.1. Comportamento Emocional do Personagem Tom	51
6.2. Comunicação entre Tom e Summer	54
6.3 Modelação Inversa e Autorregras no Comportamento de Summer	56

6.4. Papel de Gênero no comportamento de Summer	58
6.5. O controle por Regras dos Comportamentos de Tom	60
6.5.1. Existe uma predestinada	61
6.5.2. Para que uma mulher seja namorada de um homem é necessário que seja bela.....	64
6.5.3. Um amor que morreu pode renascer	66
6.5.4. Afinidades garantem o sucesso de uma relação	67
6.5.5. O amor conquista tudo	68
6.6. Variáveis que afetaram a permanência e a mudança do comportamento de Tom sob o controle de regras discrepantes das contingências.....	68
Considerações Finais	75
Referências Bibliográficas	77

RESUMO

A análise de produções culturais como livros, filmes e músicas tem sido útil para auxiliar o entendimento de conceitos da Análise do Comportamento. O filme “500 dias com Ela”, uma comédia romântica que trata de relações amorosas, é especialmente rico para a compreensão destes conceitos. Isso quando lançados sobre a dinâmica relacional dos personagens um enfoque comportamental. O enredo gira em torno da relação do casal Tom Hanssem e Summer Finn. Tom, influenciado pelos modelos sociais apresentados em músicas, filmes e literatura, acreditava que somente quando encontrasse sua predestinada para viver uma relação afetiva/sexual é que poderia ser feliz. Summer, por sua vez não acreditava na mesma coisa, para ela liberdade era fundamental e a felicidade não estava condicionada ao estabelecimento de uma relação nos moldes tradicionais dos mitos do amor romântico. O sofrimento vivenciado por Tom em decorrência do término do relacionamento faz com que ele questione sua visão de amor como elemento fundamental para ser feliz. Para a análise do comportamento dos protagonistas foram utilizados os conceitos de comportamento emocional, onde Tom apresenta em diversas cenas respostas emocionais respondentes e operantes; alguns conceitos de comportamento verbal, como significado pelo uso, e os operantes tato, tato distorcido, intraverbal e respostas de racionalização apresentadas na comunicação entre os personagens; modelação inversa, questão de gênero e autorregras no comportamento de Summer; e por fim aprendizagem vicariante e o controle por regras dos comportamentos de Tom, onde foram analisados os mitos do amor romântico transmitidos pelos meios de produção cultural, como livros, revistas, filmes e músicas, que influenciam sobre modo a maneira das pessoas se comportarem dentro do contexto de relações afetivas. Além de auxiliar a compreensão dos conceitos da Análise do Comportamento, este trabalho é especialmente útil por questionar o controle que algumas regras imprecisas exercem sobre o comportamento das pessoas no contexto das relações amorosas, e as fazem entrar em contato com estímulos aversivos, e por consequência perderem reforçadores para o seu comportamento.

Palavras chave: Análise do Comportamento, Relações Amorosas, Regras, Questões de gênero

O ideal de amor romântico estar presente culturalmente desde após a idade média, e de acordo com este modelo, a única forma de alguém ser feliz, é encontrando uma pessoa com quem possa vivenciar uma relação afetiva/sexual. O modelo em questão é permeado de regras imprecisas, que levam constantemente as pessoas a buscarem ajuda psicológica, por estarem sofrendo pelo que se chama “mal de amor”. Dentre elas, cabe citar: “o amor dura para sempre”, “um amor que morreu pode renascer” e o “amor conquista tudo”.

Faz-se importante ressaltar que, nas últimas décadas, o modelo idealizado de amor romântico não foi o elemento primordial para o estabelecimento das uniões conjugais. No entanto, na atualidade, este tornou-se o ápice da realização pessoal, principalmente para culturas latino-americanas. Pessoas acompanhadas e realizadas, dentro do contexto de uma relação afetiva, têm o seu comportamento socialmente reconhecido, são vistas pelo grupo como interessantes e, por isso, pessoa de valor. Pessoas solteiras são com frequência criticadas e rotuladas de desinteressantes.

Os filmes, as produções artísticas e culturais, com frequência transmitem o modelo idealizado de amor romântico, e uma série de mitos associados a ele. Poucas dessas produções questionam a imprecisão desses mitos, enquanto variáveis de controle do comportamento, no contexto particular de cada pessoa. Atualmente, embora ainda pequena, há uma movimentação dos produtores artísticos em função de questionar esses modelos. Fato que pode ser visto claramente na produção de Shrek, onde o príncipe não vem de cavalo branco e a real beleza da princesa não está em função de seus atributos físicos e sim de qualidades pessoais. O filme “500 dias com Ela”, também se apresenta de modo a questionar tais modelos, e o quanto o controle de modo extenuante das regras referentes ao ideal de amor romântico podem levar as pessoas a limitarem suas possibilidades e a sofrerem de modo significativo.

A análise do filme “500 dias com Ela” possibilitou uma maior compreensão de conceitos da análise do comportamento, em contexto de relações amorosas, não só no que se refere ao comportamento controlado por regras, mas também o comportamento emocional, o comportamento verbal e as mudanças culturais ocorridas nas últimas décadas. A respeito dessas mudanças, foi possível observar o impacto que estas tiveram sobre o papel de gênero desempenhando por homens e mulheres. Referente a esses papéis, ficou claro que os modelos antigos e atuais estão juntos na cultura vigente, ora causando estranhamento, ora ampliando possibilidades de interações reforçadoras para o comportamento das pessoas.

O presente estudo é de fundamental importância, uma vez que o comportamento não é livre de influências do ambiente, e o profissional de psicologia deve estar atento aos modelos sociais que exercem influência sobre o modo como as pessoas vão se comportar no contexto de suas interações. Somente a partir dessa compreensão é que será possível auxiliar quem busca ajuda pela psicoterapia a compreender as variáveis que controlam seu comportamento, e as reais possibilidades de mudança por meio desse processo.

O presente estudo iniciou - se com a escolha do referencial teórico, dentro do escopo da Análise do Comportamento, que seriam relacionados aos comportamentos emitidos pelos personagens Tom Hansen e Summer Finn, no contexto de uma relação amorosa contemporânea. Para isso no decorrer do trabalho os capítulos foram estruturados da seguinte maneira: Comportamento Emocional; Relações Afetivas; Determinantes sociais do comportamento, seguido de um capítulo sobre trabalhos correlatos, onde se apresentou o resumo de trabalhos que compartilham semelhanças com o estudo em questão; e por fim apresentou-se o resumo do filme, seguido da análise propriamente dita e considerações finais.

CAPÍTULO 01. COMPORTAMENTO EMOCIONAL

O modo como os Behavioristas Radicais abordam o fenômeno emocional ainda é um ponto controverso e de má interpretação por aqueles que não são da área. Parte dessa interpretação deve-se a relação que é feita com o behaviorismo metodológico e o positivismo lógico, que argumentam que a ciência deve ser restrita a eventos passíveis de observação por duas ou mais pessoas, e a veracidade depende da concordância entre elas sobre o fenômeno (Skinner, 1989/2002). Esse rigor científico não poderia ser aplicado ao estudo dos estados emocionais, uma vez que a única fonte de informação sobre o fenômeno seria o próprio indivíduo que sente a emoção (Skinner, 1974/2004). Para Skinner (1974/2004) ainda que a única fonte de informação sobre os eventos privados seja o indivíduo que se comporta, esta não deve ser negligenciada.

Contradizendo a noção de que o behaviorismo não se importa com os fenômenos emocionais, Skinner (1989/2002) vai dizer que o modo “como as pessoas se sentem é frequentemente tão importante quanto o que elas fazem” (p.13). O que o behaviorismo rejeita é a explicação mentalista de que os sentimentos são causa de comportamento, e não a importância do fenômeno.

O lugar que é dado aos sentimentos, na condição de pensamentos, sensações e idéias, para o Behaviorismo Radical é de que os mesmos são comportamentos, e por serem comportamentos devem ter as suas próprias explicações (Moreira & Medeiros, 2007). Skinner (1953/1965) vai afirmar que se descobrem as variáveis das quais os estados emocionais são função, como em qualquer outro comportamento, investigando-as. A esse respeito, Cunha e Borloti (2009) vão dizer que as emoções “são relações comportamentais sujeitas às mesmas leis e princípios que outros comportamentos operantes e respondentes” (p.210).

William James foi um dos precursores nos estudos das emoções e seu trabalho chamava a atenção para as alterações fisiológicas que acontecem no organismo quando este diz sentir uma emoção (Skinner, 1974/2004). Essas alterações são respostas do sistema nervoso e envolvem principalmente os músculos lisos e glândulas (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001). Dentre elas, cabe citar o corar, empalidecer, chorar, suar, salivar, contrair os pequenos músculos lisos. Tais mudanças fisiológicas estão presentes em humanos e não humanos. Da mesma forma que o eriçar dos pelos dos animais surge quando estes se preparam para fugir de um predador, o mesmo eriçar pode ser observado em humanos quando estes se empenham em um comportamento que tenha possibilidade de ser punido ou não reforçado. William James (citado por Skinner, 1953/1965), ao constatar que essas reações estavam presentes quando o indivíduo dizia sentir-se emocional atribuiu status causal ao fenômeno e proferiu a clássica frase “nos sentimos tristes porque choramos, irados porque lutamos, medrosos porque trememos, e não que choramos, lutamos, ou trememos porque estamos tristes, irados ou medrosos como pode ser o caso” (p. 160). Cabe ressaltar que o comportamento emocional, por também envolver comportamentos operantes, faz uso da musculatura esquelética (Skinner, 1953/1965).

Reconhecendo a presença das alterações fisiológicas nos estados emocionais, Skinner (1989/2002) define sentimento como “um tipo de ação sensorial, assim como ver e ouvir” (p.14). Segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2001) “o objeto que é sentido é o corpo” (p.76). No entanto, para Skinner (1989/2002) a noção de que o sentimento enquanto estado do corpo seja causa de comportamentos é equivocada. A esse respeito Skinner (1989/2002) vai dizer que, diferente do que afirmava William James, “não choramos porque estamos tristes, ou sentimos tristeza porque choramos; choramos e sentimos tristeza porque alguma coisa aconteceu (talvez alguém a quem amávamos

tenha morrido)” (p.15). Dessa forma o entendimento do Behaviorismo Radical sobre o fenômeno emocional volta-se para o papel das contingências no estabelecimento dessas respostas, sejam elas públicas ou privadas.

As variáveis controladoras dos estados emocionais assim como em outros comportamentos são ambientais (Cunha & Borloti, 2009). A seguinte afirmação de Skinner (1974, citado por Kohlenberg & Tsai, 1991/2001), demonstra isso com clareza: “como o corpo entra naquele estado particular que é então sentido? Nossa resposta presume que o estado do corpo seja um produto colateral de causas ambientais” (p.76).

Segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2001) para cada comportamento há uma resposta corpórea correspondente. Da mesma forma que ao caminhar o sistema muscular e esquelético se fazem presente, de modo que o movimento possa ser executado, quando o sujeito diz sentir uma emoção há estados do corpo que estão presentes de forma correspondente a este tipo de resposta. No entanto, faz-se importante ressaltar, que ainda não há como obter uma mensuração exata destes estados, sendo que alterações fisiológicas muito semelhantes podem ocorrer sob situações distintas (Skinner 1953/1993). O atleta ao correr por esporte tem considerável aumento nos batimentos cardíacos do mesmo modo que alguém ao fugir de um ladrão; o primeiro pode relatar que se sentiu tranquilo enquanto corria, e o segundo tende a relatar que sentiu medo.

As emoções podem ser classificadas como operantes e respondentes (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001). As respostas emocionais respondentes estão dentro do primeiro nível de seleção, o filogenético, e referem-se a características genéticas que os organismos possuem para interagir com seu ambiente (Moreira & Medeiros, 2007). São respostas eliciadas por um estímulo, e estão presentes em humanos e não humanos

(Moreira & Medeiros, 2007). Essas respostas são chamadas de reflexo, e a nível respondente são reflexos incondicionados, uma vez que uma alteração no ambiente naturalmente eliciará uma resposta no organismo. A resposta de choro do recém nascido ao estar privado de alimento, e as alterações fisiológicas no organismo do animal ao se preparar para fugir de um predador, são exemplos respostas emocionais respondentes. Em ambos, esse padrão de resposta estar relacionado à questão de sobrevivência (Moreira & Medeiros, 2007). Além de incondicionados, os reflexos também podem ser aprendidos, e nesse sentido passam a ser reflexos condicionados. Tal fato se dá quando uma alteração no ambiente, apresentada de modo concomitante a um estímulo neutro, faz com que esse estímulo elicie as mesmas respostas emocionais que a alteração no ambiente produziria. Quando isso ocorre o estímulo que antes era neutro passa a ser um estímulo condicionado para a emissão de tais respostas (Moreira & Medeiros, 2007).

As respostas emocionais operantes estão dentro do segundo nível de seleção, o ontogenético, o de seleção pelas consequências, que se referem às contingências de reforço presentes no estabelecimento do repertório comportamental do indivíduo ao longo de sua história (Catania, 1998/1999). O adolescente ao ter um pedido negado por seus pais pode apresentar como resposta respondente enrugar a testa, inflar as narinas, crisar os lábios, ter considerável aumento na temperatura corpórea, e de modo contíguo apresentar os seguintes operantes: chutar a porta do quarto, agredir verbalmente e até mesmo fisicamente os pais, ou calar-se e trancar-se no quarto, dependendo do modo como tais respostas foram modeladas por contingências semelhantes no passado. Essas alterações comportamentais, operantes e respondentes, são ocasião para, na linguagem cotidiana, se dizer “ele estar com raiva” ou “ele estar frustrado”.

O padrão respondente dos estados emocionais pode ser imitado pelo comportamento operante (Skinner, 1953/1993). Isso pode ser claramente observado quando o ator imita o choro e expressões faciais de medo e dor para dar realismo ao personagem que interpreta. O comportamento de interpretar do ator normalmente está sob o controle do reforço generalizado, como aplauso e admiração da platéia. Cabe ressaltar que a partir do treino discriminativo dentro de uma comunidade, o indivíduo aprende quais respostas emocionais são seguidas de reforço, e que tipo de impacto essas respostas têm sobre as outras pessoas.

Tourinho (2006, citado por Cunha & Borloti, 2009) chama a atenção para o fato de que a análise dos estados emocionais não deve ser resumida a uma “condição corporal qualquer” (p.213). O que é sentido também é experimentado pelo sujeito no contexto de uma cultura, e sob o controle das práticas verbais dessa comunidade. Um exemplo que demonstra isso com clareza é o comportamento de uma mulher dentro de uma cultura onde haja pouco espaço para a expressão feminina, como no oriente médio. Esta, ainda que se sinta triste ou contrariada, dificilmente vai contrapor-se aos berros a uma ordem do marido, ou ter crises de ciúmes em público, questionando para onde ele olhou ou deixou de olhar. Isso, devido ao fato que em sua comunidade tais ações são reprovadas, e frequentemente até punidas. Ao olhar para essa mulher, talvez não seja sequer possível identificar qualquer resposta emocional. Já seria mais comum que em países ocidentais, onde há uma maior liberdade feminina, devido a questões culturais e históricas, que comportamentos operantes de gritar com o parceiro, questionar para onde ele olhou, dentre outros, se apresentem de modo concomitante a padrões emocionais respondentes, como dilatar de pupilas, batimentos cardíacos alterados, suar as mãos, dentre outros.

Segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2001), os pais ensinam seus filhos a nomearem o que sentem, quando olham para o estímulo público emitido pela criança e inferem o que a criança está sentindo de modo privado. Diante disso pronunciam a palavra que a comunidade costuma dar a esse sentimento, seja de dor, alegria ou outros, e passam a treinar a criança para discriminar as palavras que descrevem o evento. Porém, os autores (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001) chamam a atenção para o fato de que o tatear de eventos privados aprendidos pela criança nem sempre terá a mesma precisão que o tatear eventos públicos. Isso porque os pais podem inferir erroneamente o que a criança de fato está sentindo. Às vezes a criança está chorando em decorrência de estar privada de alimento e não em decorrência de estar sentindo alguma dor.

A diversidade verbal a respeito da nomeação dos sentimentos é fato relevante de se ressaltar e muda com frequência de uma cultura para outra (Cunha & Borloti, 2009). A nomeação dos sentimentos dentro de determinada comunidade indica com frequência quais práticas ocorrem dentro dessa comunidade quando alguém diz estar sentindo algo. A esse respeito Skinner (1953/1993) ilustra dizendo que “O homem zangado mostra uma alta probabilidade de lutar, insultar, ou de algum modo infligir danos (...). Alguém que ama mostra uma grande tendência para auxiliar, favorecer, estar com.” (p.162).

As emoções e lembranças ocupam um lugar primordial no trabalho do psicólogo clínico, uma vez que a maioria das pessoas que buscam auxílio pela psicoterapia, o fazem em função do modo como estão se sentindo (Kohlenberg & Tsai, 1991/2001). São comuns queixas como me sinto triste, rejeitado, estou deprimido, não controlo minha raiva, esta lembrança me faz mal. Considerando este fato, Skinner (1953/1993) diz ser desejável, em muitas situações, que se altere alguns estados emocionais.

Segundo Skinner (1974/2004), as razões que levam as pessoas a falarem de seus sentimentos é uma boa indicação do que aconteceu a elas no passado ou sobre como vão se comportar. A esse respeito, Cunha e Borloti (2009) ressaltam a importância do relato dos eventos privados, e que por meio deste é possível ter acesso ao impacto que a história do sujeito (filogenética, ontogenética e cultural) tem sobre os seus estados emocionais.

Os fatos emitidos pelos clientes, em processo de psicoterapia, a respeito do que sentem, podem se constituir como importante via de acesso às variáveis das quais o comportamento é função. Isso acaba por tornar o relato dos eventos privados uma importante ferramenta no trabalho do psicólogo que tem por objetivo levar seu cliente ao autoconhecimento, de modo que este compreenda as variáveis que controlam o seu comportamento, e partir disso também poder manipular as contingências presentes a fim de produzir mudança.

CAPÍTULO 02. RELAÇÕES AFETIVAS

O modo como as pessoas interagem, os aspectos de bem estar, cuidado e sofrimentos decorrentes dessas interações é tema recorrente nas produções culturais, artísticas e científicas. De acordo com Skinner (1953/1993), tais interações surgem devido ao fato das pessoas serem importantes umas para as outras por naturalmente partilharem o mesmo ambiente. Skinner ainda vai dizer que “muitos reforços requerem a presença de outras pessoas” (p.286). A um dos sentimentos presente nessas interações, e suas variadas formas, e em diversas culturas, foi dado o nome de “amor”.

A palavra amor na língua portuguesa é derivada do latim, e possui significados diversos, podendo ser afeição, compaixão, misericórdia, caridade, atração, amizade, conquista, dentre outros (Aurélio, 2004/2008). Os gregos definem a palavra amor de três formas: Eros normalmente empregado para referir-se ao amor sexual, Philia que se refere ao amor no qual não há interesse erótico (os amigos, as artes), e Ágape, o amor no qual a alegria é expressa no bem estar do outro (Skinner, 1989/2002). Segundo Skinner (1953/1965) tais nomenclaturas referem-se a contingências que descrevem dentro de uma comunidade verbal as práticas que ocorrem nesse contexto. O autor ainda ressalta que quando alguém diz estar sentindo algo, normalmente estar descrevendo quais topografias de respostas comportamentais emitirá. A esse respeito Skinner exemplifica dizendo que o sujeito que diz estar sentindo raiva mostra uma alta probabilidade de insultar e infligir danos, e pouca probabilidade de cuidar e favorecer, comportamentos que ocorrem com elevada frequência quando este diz estar amando (Skinner, 1953/1965).

A despeito das mais variadas contingências presentes, referentes ao modo como a palavra amor é empregada, o presente capítulo vai ater-se ao significado pelo uso da palavra amor no contexto das relações afetivas/sexuais, usualmente nomeadas de relações amorosas.

De acordo com Silva e Weber (2006) “relações amorosas implicam na interação entre duas pessoas com história de vida diferentes, e com características que não são necessariamente contingentes ao seu sexo biológico” (p.55). Segundo Possati (2002, citado por Silva & Weber, 2006) “relações amorosas implicam em bem estar psicológico” (p.55).

Segundo Kolenberg e Tsai (1991/2001) “relações íntimas, por definição, envolvem uma sensibilidade aos efeitos do comportamento de uma pessoa sobre a outra” (p. 82). A esse respeito Skinner (1989/2002) enfatiza que no contexto das relações afetivas o sujeito quando diz “Eu te amo”, o que estar realmente dizendo é “Você me dá prazer ou me faz sentir-me bem” (p. 16). Ou seja, “você reforça meu comportamento” (p.16). Ainda para Skinner (1989/2002), isso explica o esforço que os apaixonados fazem no sentido de passarem a maior parte do tempo possível juntos, e se empenharem em comportamentos que evitem a ruptura do relacionamento. Sobre isso, é pertinente a observação de que, o rompimento de uma relação implica em perda de reforçadores significativos para o comportamento da pessoa que é deixada, o que justifica o intenso sofrimento vivido por esta.

O fato dos parceiros afetivos se comportarem em função de evitar a perda de reforçadores que a interação produz, faz com que topografias comportamentais nomeadas como ciúmes, apareçam em contextos onde o indivíduo discrimine essa possível ameaça. Segundo Costa (2009) o ciúme envolve “competição por reforçadores

(Sd) e afastamento do rival, atenuação da situação de competição e/ ou obtenção de atenção (Sr)” (p.144). O ciúme apresenta aspectos filogenéticos no sentido de que tais respostas foram selecionadas devido as suas vantagens evolutivas para os organismos, como defesa do território e cuidado com a prole (Costa, 2009). No entanto, os processos de aprendizagem por regras e modelação dentro de um grupo, tendem a exercer forte controle sobre este comportamento no contexto das relações afetivas. Para o comportamento de algumas pessoas, a demonstração pública de ciúmes por parte do parceiro torna-se bastante reforçadora. Isso devido ao fato de que, em alguns contextos culturais, o ciúme é entendido como demonstração de amor e afeto; e a ausência deste, é interpretada como falta de amor. Sob essa perspectiva Banaco (2005, citado por Costa, 2009) diz que o ciúme é também “uma emoção social” (p.138).

Segundo Cordova e Jacobson (1999, citado por Silva & Weber, 2006) parte dos problemas que os casais enfrentam e que muitas vezes levam ao fracasso de uma relação, deve-se às dificuldades de comunicação entre os parceiros. Dentre esses problemas de comunicação, cabe ressaltar que no contexto das relações amorosas é comum que os envolvidos acreditem que o outro seja capaz de adivinhar o que o parceiro sente, sem que isso seja verbalizado. Segundo Lazarus (1985/1992) isso ocorre devido a um dos mitos do amor romântico exercer forte controle sobre o comportamento das pessoas, o de que “os que amam de verdade advinham os pensamentos e sentimentos do outro” (p.87). A esse respeito Kohlenberg e Tsai (1991/2001) chamam à atenção para o fato de que é importante que os parceiros afetivos verbalizem seus sentimentos, uma vez que esse comportamento aumenta a possibilidade de que tenham suas necessidades atendidas.

Segundo Skinner (1989/2002) ao considerar as interações entre os organismos deve-se levar em conta os aspectos da seleção dentro dos três níveis, filogenético,

ontogenético e cultural. A esse respeito o autor exemplifica Eros, para o qual vai dizer que a susceptibilidade ao reforço por contato sexual é algo que as mais variadas espécies compartilham (Skinner, 1989/2002). No entanto, apesar dos aspectos filogenéticos, em humanos, as mais variadas formas do comportamento sexual aparecer nos contextos são determinadas por condicionamento operante, que ocorre dentro do contexto cultural que o indivíduo está inserido (Skinner, 1989/2002). Ou seja, dentro de uma comunidade que diz quais comportamentos são passíveis de serem reforçados pelo grupo.

As relações afetivas do modo como se apresentam na contemporaneidade, onde o que é priorizado é a satisfação pessoal que o relacionamento proporciona aos envolvidos, nem sempre foram assim (Carpenedo & Koller, 2004). Ocorreram mudanças significativas nas contingências culturais, enquanto regras e práticas que são socialmente aceitas e reforçadas pelo grupo onde o sujeito está inserido, ao longo das décadas. Tais mudanças exerceram forte impacto sobre o modo como as relações se apresentam na atualidade.

O século XIX foi marcado pela ideia da diferença entre os gêneros, tanto homens quanto mulheres tinham que cumprir papéis distintos dentro da sociedade (Carpenedo & Koller, 2004). Para Sant`Ana (2003, citado por Silva & Weber, 2006) “papel de gênero é o conjunto de normas referente a atitudes, valores, reações emocionais e comportamentos que são apropriados a cada sexo em uma cultura e momento historicamente determinados” (p.61). O homem devia ser o provedor do lar, sujeito de bem, responsável, capaz de sustentar uma família. A eles eram atribuídas características como inteligência, razão, capacidade de decisão, força (Carpenedo & Koller, 2004). A mulher devia ter boa fama, ser recatada, manter-se virgem até o casamento; a atividade sexual para elas estava devidamente vinculada à procriação e

não ao prazer (Carpenedo & koller, 2004). A elas eram atribuídas características como sensibilidade, boas cuidadoras, passivas, mas também incapazes de serem provedoras, pois tinham uma formação totalmente voltada para o cuidado com os filhos e o lar; seu ambiente “natural” era o doméstico (Carpenedo & koller, 2004).

As leis do estado em relação ao casamento eram fortemente influenciadas pelas práticas religiosas vigentes, tanto que o divórcio na década de 60 não era permitido (Carpenedo & Coller, 2004). Embora, o desquite fosse realizado para separação oficial dos casais, o mesmo não dissolvia os vínculos conjugais. Aos antigos parceiros não era mais permitido contrair outra relação oficializada e resguardada pela lei, em termos de garantia de direitos. Quando o desquite ocorria, a mulher separada passava a ser vista como uma pessoa de conduta moral duvidosa, normalmente julgada como a culpada pelo fracasso do casamento (Carpenedo & koller, 2004). É pertinente comparar a mulher separada a Eva, da estória bíblica, que ao desobedecer à ordem divina é expulsa do paraíso com seu parceiro, e culpada por ambos não desfrutarem mais das regalias do paraíso. Em termos comportamentais pode-se dizer que este casal não mais teria dispensado ao seu comportamento os reforçadores sociais provindos do seu grupo.

O paraíso da sociedade para homens e mulheres seria se adequar ao modelo que o grupo impõe, quanto à sexualidade e aos papéis que ambos devem desempenhar; quando estes não se adéquam ao modelo, são como Adão e Eva foram, expulsos do paraíso, vítimas de preconceito e coerção social. A esse respeito cabe citar o estudo de Carvalho e Medeiros (2005) “Determinantes do Seguimento da Regra: antes mal acompanhado do que só”. Os autores desse estudo ao pesquisarem as variáveis que fazem com que as pessoas se mantenham em uma relação pouco reforçadora, constataram que muitas dessas relações mantêm-se como forma de esquiva da punição social de se estar sozinho. Isso devido ao fato de que com elevada frequência são

designados aos solteiros rótulos pejorativos, como “encalhados”, portanto pessoa de pouco valor, já que não houve quem quisesse manter um vínculo estável com esta.

Embora, historicamente a coerção social seja mais intensa sobre as mulheres, que como pode ser pontuado, dentro de uma sociedade fortemente influenciada pela moralidade judaico-cristã, carrega o rótulo de “culpada” desde os primórdios da criação, seria incoerente afirmar que os homens não sofram o peso de ter que conseguir se adequar ao padrão imposto. Nessa mesma sociedade, onde as mulheres foram as culpadas pelo insucesso das relações, meninos aprenderam que não podiam expressar seus sentimentos, que isto era sinônimo de fraqueza, deviam ser fortes física e emocionalmente o tempo inteiro, mesmo que estivessem sob fortes contingências aversivas.

Os movimentos que possibilitaram a emancipação da mulher ao longo das últimas décadas se constituíram em marcos históricos que favoreceram o surgimento de relações mais igualitárias, e as mudanças nos papéis de gênero, desempenhados por homens e mulheres (Silva & Weber, 2006). Dentre eles cabe ressaltar, o Movimento feminista, que reivindicava melhores condições de trabalho e direito ao voto; a Revolução Sexual, que reivindicava maior liberdade sexual às mulheres; a criação da pílula anticoncepcional que permitiu a mulher ter controle sobre seu próprio corpo, desvinculando o sexo da reprodução e a luta pela formação continuada em cursos superiores.

O casamento, da forma como acontecia nas últimas décadas deixou de ter papel central na vida das pessoas (Zordan, Folcke & Wagner, 2009). Embora ainda seja almejado por muitos jovens solteiros, estes estão priorizando se estabelecer

profissionalmente antes de buscarem uma relação estável por meio do casamento (Zordan, Folcke & Wagner, 2009).

Apesar de o ideal de amor romântico, que envolve a admiração e a adoração recíproca entre os parceiros, estar presente culturalmente desde após a idade média, este não se tratou do elemento principal para o estabelecimento das uniões conjugais nas últimas décadas (Carpenedo & Koller, 2004). As novas configurações no modo de se relacionar na atualidade, que devido às transformações culturais permitiram as pessoas terem mais alternativas dentro do contexto, tornaram esse sentimento, que envolve principalmente a satisfação das necessidades de intimidade entre os envolvidos, o elemento que justifica as uniões afetivas (Carpenedo & Koller, 2004). Fato este que também leva mais facilmente a ruptura quando o relacionamento se mostra pouco efetivo em produzir reforço para o comportamento dos envolvidos.

Sob a perspectiva das mudanças ocorridas nas últimas décadas no que diz respeito às novas configurações no contexto das relações afetivas/sexuais na atualidade, cabe ressaltar que houve uma mudança significativa nas variáveis de controle que levam as pessoas a se envolverem em uma relação afetiva. Antes o controle era devidamente vinculado a reforçadores generalizados, providos pelo grupo e de caráter fortemente social. Na atualidade, embora os reforçadores sociais estejam presentes, reforçadores naturais¹ passaram a ter elevada importância no controle do comportamento sexual / afetivo. Antes a mulher que precisava casar pelo fato de ter quem a sustentasse, e para ter o respeito das pessoas de sua comunidade verbal, agora pode ter acesso a reforçadores sociais para o seu comportamento de outras formas, como através da

¹ Reforço Natural – Quando a consequência reforçadora do comportamento é produto direto do comportamento, o reforço dispensado a ela é natural (Moreira & Medeiros, 2007).

profissão e das relações de amizade. Diante disso a mulher na atualidade ficou mais livre para escolher um parceiro que possa satisfazer suas necessidades pessoais.

Uma vez que para o Behaviorismo Radical, a liberdade de escolha consiste em o sujeito ter mais alternativas dentro do contexto (Ribeiro, 2006), a ampliação das possibilidades reforçadoras para a mulher ao longo das últimas décadas, possibilitou mudanças significativas nas relações afetivas. Antes o homem que era visto como o fim último da vida destas, a possibilidade de “independência” com a saída da casa dos pais, agora é visto como uma possibilidade de troca afetiva e satisfação de necessidades. Isso fez com que mudanças acontecessem no comportamento dos homens na atualidade.

Apesar de ser volátil e líquido, como pontuou com precisão o sociólogo Baumam (2003/2004), na sociedade contemporânea, o amor e todos os ideais, por vezes até mágicos, vinculados a ele, é o sentimento superestimado e almejado. Babo e Jablonski (2002) chamam à atenção para o fato de que os meios midiáticos usam indiscriminadamente o amor para comercializar suas produções. Isso desde o comércio de pasta de dentes a produções literárias e cinematográficas. Para as autoras, tal fato dá-se de forma proposital, devido ao tema amor alavancar os índices de audiência e vendas.

A busca desenfreada pela realização amorosa, de acordo com o modelo social imposto, traz uma série de regras e mitos que controlam o comportamento das pessoas no contexto das relações afetivas. Para Zordan (2008) os mitos são “tradições lendárias que buscam explicar os principais acontecimentos da vida” (p.02). Segundo Wagner e Falcke (2005, citado por Zordan, 2008) “são construções que vão se estabelecendo como verdade ao longo do tempo, mesmo que sejam permeados de irracionalidade” (p.02). Ainda de acordo com Zordan (2008), os mitos na condição de ideais estão presente nos mais diversos fenômenos ligados às relações amorosas, como nos critérios

de escolha do parceiro, na vivência da conjugalidade, nas expectativas e também nos sofrimentos decorrentes de tais interações.

Os mitos podem ser compreendidos como uma forma de transmissão cultural, que estabelecem quais práticas são reforçadas pelo grupo do indivíduo, e descrevem relações entre o contexto, o comportamento, e as suas consequências, ainda que de forma irreal para alguns contextos. Nesse sentido para o Behaviorismo Radical, enquanto variável de controle do comportamento, o mito funciona como uma regra. Lazarus (1985/1992), baseado em relato de pacientes, notas e gravações de sessões de terapia, chegou a 24 mitos que, segundo ele, levam a insatisfação nos relacionamentos. Dentre eles cabe citar “os que amam de verdade advinham os pensamentos e sentimentos do outro; um amor que já morreu às vezes pode renascer; não tenha sexo se estiver com raiva; conforme-se com o que você tem”.

Stenberg (1991, citado por Silva & Weber, 2006) também cita alguns mitos amplamente difundidos na atualidade, sendo eles: “o amor conquista tudo; paixão e sexo são mais importantes no começo de um relacionamento; a química é essencial no relacionamento; os casais devem se amar mais do que amam qualquer outra pessoa” (p.60).

Segundo Babo e Jablonski (2002), as regras e os modelos produzidos pelos meios midiáticos podem ajudar a fortalecer estereótipos e preconceitos, bem como estabelecer novos padrões na forma de se relacionar. As autoras constataram no seu estudo “folheando o amor contemporâneo nas revistas masculinas e femininas” a veiculação de mensagens contraditórias para homens e mulheres. De um lado artigos para os homens dando dicas de como não se fixar em um relacionamento, e de outro, artigos para mulheres ensinando como manter seu parceiro. Tal fato, segundo as

autoras, acaba por fortalecer padrões comportamentais distintos entre os gêneros, e de certa forma facilita o que usualmente chamam de desencontros amorosos.

Interações afetivas e sexuais, no contexto do que se chama de relações amorosas, podem se constituir em fonte de importantes reforçadores que produzem bem estar aos envolvidos. No entanto, no contexto da cultura vigente, o controle que algumas regras exercem sobre o comportamento das pessoas, no contexto das relações afetivas, pode se constituir em fonte de sofrimento e insatisfação, por não descreverem de modo preciso as contingências que operam dentro da realidade particular de cada casal.

Stenberg (1991, citado por Silva & Weber, ano 2006) chama a atenção para o fato de que ao invés de se culparem pelo fracasso de uma relação, os envolvidos devem questionar quais premissas irreais controlam seus comportamentos nessas interações. Carvalho e Medeiros (2005) ressaltam que faz parte do trabalho do terapeuta investigar e auxiliar o seu cliente a discriminar quais regras controlam o seu comportamento, e que nem sempre as mesmas produzem reforçadores naturais, portanto é fundamental que regras antigas e disfuncionais sejam substituídas por outras que descrevam melhor as contingências vigentes.

CAPÍTULO 03. DETERMINANTES SOCIAIS DO COMPORTAMENTO

Para o Behaviorismo Radical o comportamento é produto da interação entre os três níveis de variação e seleção, sendo eles: a filogênese (história evolutiva da espécie – nível I); a ontogênese (história do indivíduo – nível II) e a cultura (contingências de reforço mantidas por um grupo, controle por regras e por modelos – nível III) – (Catania, 1998/1999).

O presente capítulo vai ater-se ao terceiro nível de seleção do comportamento, o cultural. Baum (1994/1999) define cultura como “comportamento aprendido de um grupo, que consiste em comportamento operante,² tanto verbal quanto não verbal adquirido como resultado de pertencer a um grupo” (p.245). A aprendizagem operante dentro da cultura implica que o grupo programe consequências para o comportamento de seus membros.

Segundo Skinner (1974/2004), o desenvolvimento dos ambientes sociais e das práticas culturais só foi possível devido ao desenvolvimento do comportamento verbal e de seu controle ao nível operante. Tal fato possibilitou o surgimento dos padrões comportamentais desenvolvidos pelo grupo, os chamados produtos culturais e a transmissão desses padrões de uma geração a outra (Skinner 1974/2004). Isso coloca o analista do comportamento diante do fato que para compreender o que o sujeito faz, e o que o mantém se comportando de determinada maneira, é imprescindível que se preceda a uma análise do contexto onde estar inserido, e das variáveis que operam dentro desse contexto. Para uma melhor compreensão dessas variáveis serão abordados os conceitos de Comportamento Verbal, Regras e Aprendizagem Vicariante.

² O comportamento operante pode ser definido como a resposta emitida pelo organismo que produz uma consequência no ambiente, podendo ser reforçado ou punido. Essas consequências é que vão definir a topografia da resposta e a frequência com que o sujeito vai emití-las. (Moreira e Medeiros, 2007)

3.1. Comportamento Verbal

Segundo Skinner (1957, citado por Baum, 1994/1999) o comportamento verbal pode ser definido como comportamento operante que exige a presença de um ouvinte para ser reforçado.

Para Matos (1991) a análise do comportamento verbal deve ser restrita ao seu caráter relacional, ou seja, apenas ao efeito que um falante exerce sobre um ouvinte.

O comportamento verbal é modelado e adquirido na relação do indivíduo com a sua comunidade verbal (Baum, 1994/1999). Baum definiu comunidade verbal como “pessoas que ouvem e reforçam o que uma pessoa diz, são membros da comunidade verbal dessa pessoa – o grupo de pessoas que falam entre si e reforçam as verbalizações umas das outras” (p.127).

De acordo com Skinner (1974/2004), o modo como uma pessoa vai se expressar depende da comunidade verbal a qual pertence, e a maior parte do comportamento verbal depende do reforço social dispensado pelo grupo onde o sujeito está inserido. A esse respeito Barros (2003) vai enfatizar que “o comportamento verbal é, portanto comportamento operante mantido por consequências mediadas por um ouvinte que foi especialmente treinado pela comunidade verbal para operar como tal” (p.75).

O diálogo entre duas pessoas é marcado pela alternância nos papéis de falante e ouvinte, o que se constitui em um episódio verbal total (Baum, 1994/1999). O comportamento do falante fica sob o controle das consequências emitidas pelo ouvinte, que nesse contexto exerce o papel de audiência para o comportamento verbal do falante (Baum, 1994/1999). Sobre isso, Skinner (1957/1978, citado por Medeiros, 2002) enfatiza que o ouvinte, no seu papel de audiência, funciona como estímulo discriminativo, uma vez que sinaliza a disponibilidade do reforço para o comportamento do falante. A esse respeito, Medeiros (2002a) vai dizer que “o falante adapta suas

expressões verbais para que estas exerçam um controle mais preciso sobre o comportamento do ouvinte” (p.106).

Em alguns momentos, o próprio falante pode exercer o papel de ouvinte para o seu comportamento (Baum, 1994/1999). Isso acontece quando indivíduo emite instruções ou ordens para si próprio. Tal instrução pode ser dita em voz alta ou de modo privado. Cabe ressaltar, no entanto, que essa auto-instrução ocorre devido ao treino que o sujeito teve dentro de sua comunidade verbal que sinalizou, ao longo de sua vida, quais práticas são possíveis serem reforçadas.

Segundo Skinner (1974/2004), uma análise coerente do comportamento verbal requer uma análise do contexto em que este foi adquirido, quais palavras o indivíduo ouviu e que tipo de reforço a elas foram dispensados. Somente com esses dados, que referem - se à história do sujeito, é que será possível compreender parte das contingências de reforço que estiveram presentes no estabelecimento do repertório verbal deste.

As contingências de reforço presentes no estabelecimento do repertório verbal é que vão definir o significado das verbalizações aprendidas pelo indivíduo (Baum, 1994/1999). Este significado independe do uso consensual ou das definições linguísticas. Sob essa compreensão o significado estar restrito ao seu uso, a depender das contingências de reforço que operam dentro da comunidade verbal do sujeito (Baum, 1994/1999). Nesse sentido, Skinner (1974/2004) vai dizer que “o significado de uma resposta para o falante inclui o estímulo que a controla (...) e possivelmente aspectos adversativos da questão, dos quais se obterá alívio por via de uma resposta” (p.82). A esse respeito Skinner vai exemplificar dizendo que em um experimento onde haja dois ratos, um privado de água e o outro de comida, ambos precisarão pressionar a barra para conseguir o reforço dos quais se encontram privados. A topografia da

resposta comportamental é a mesma, pressionar a barra, no entanto, o significado para ambos será diferente. Para um pressionar a barra “significará” comida, enquanto que para o outro “significará” água (Skinner, 1974/2004).

O comportamento verbal, por ser operante, estar sujeito a consequências aversivas, que vão exercer grande influência sobre o modo como este vai aparecer em determinados contextos. Algumas consequências em função desse tipo de controle são a supressão do relato e o prejuízo causado ao processo de autoconhecimento (Medeiros, 2002a). Tal fato, em alguns casos, justifica o surgimento de topografias comportamentais nomeadas de timidez, onde o sujeito dito tímido, talvez ao longo de sua história, possa ter tido o seu relato punido ou não reforçado positivamente por um ouvinte. A respeito do prejuízo causado ao processo de autoconhecimento Skinner (1953/1994; 1974/2000, citado por Medeiros, 2002a) vai dizer que “o autoconhecimento não é inato e sim construído por meio das demandas da comunidade verbal, a qual exige que as pessoas não só descrevam seu comportamento, mas também as variáveis das quais este é função” (p.108).

O comportamento verbal pode apresentar topografias variadas em diferentes contextos, em função de suas variáveis de controle (Medeiros, 2002b). Essas topografias foram classificadas como operantes verbais (Skinner, 1957, citado por Medeiros, 2002b). Considerando as fontes de controle do comportamento verbal, o presente estudo vai abordar os seguintes operantes: tatos e intraverbal, e também algumas de suas manipulações, no caso os tatos distorcidos e as respostas de racionalização (Medeiros, 2002a).

O tato é o operante verbal que estar sob o controle de estímulos discriminativos não verbais (Barros, 2003). Sua emissão é mantida por consequências sociais quando existe correspondência entre o estímulo discriminativo e a resposta emitida.

Segundo Barros (2003), é por meio do tato que as pessoas nomeiam as características do seu ambiente “físico, social/cultural” (p.77). Além disso, pela emissão de tatos é possível que as pessoas descrevam aspectos do ambiente externo e interno à pele. Diante disso cabe ressaltar que os tatos representam uma importante via de acesso aos estados internos do indivíduo que o emite (Matos, 1991). A resposta “sua blusa é azul”, “o dia estar quente” são topografias de tato quando a emissão das mesmas estar sob o controle discriminativo não verbal da cor da blusa ou da temperatura do dia.

De acordo com Matos (1991) o intraverbalizar ou intraverbal, trata-se do “operante verbal cuja variável controladora seja o próprio comportamento verbal anterior do emitente” (p.06), ou de outra pessoa que este observa cujo comportamento verbal estabelece uma conexão. Segundo Barros (2003) essa conexão é estabelecida pela cultura. Esta autora cita o exemplo da associação que é feita entre os tatos pires e xícaras, dizendo ser esta conexão um intraverbal, uma vez que a cultura aproximou esses dois elementos.

Segundo Barros (2003) o controle para a emissão de um intraverbal costuma ser temático, para o qual vai exemplificar dizendo que “o antecedente manga pode controlar o intraverbal camisa para o alfaiate, ou fruta para o feirante” (p.78). Ainda de acordo com Matos (1991) o operante intraverbal é mantido por reforço social, e a emissão deste terá maior probabilidade de ocorrer quando for discriminada por parte do falante, que seu comportamento poderá ser reforçado pelo ouvinte.

Medeiros (no prelo) vai definir as manipulações de operantes verbais como “respostas verbais cuja relação de controle entre uma variável e a topografia supostamente controlada por ela é alterada pelo advento de outras variáveis. Variáveis essas principalmente relativas às consequências do comportamento” (p. 118).

Segundo Medeiros (no prelo) o controle da emissão da resposta verbal do tato distorcido está em função das consequências que o ouvinte emitirá para o relato, e não sob o controle do estímulo discriminativo não verbal. Um exemplo clássico de tato distorcido é o comportamento da criança que ao fazer uma travessura conta a verdade para os seus pais e tem seu comportamento punido, da próxima vez que o fizer tenderá a distorcer o relato, tendo como função a não apresentação do estímulo aversivo.

Segundo Barros (2001), em diversas circunstâncias as manipulações dos operantes verbais aparecem no contexto para que o indivíduo consiga se esquivar de consequências aversivas ou em função de obter reforço para o seu comportamento. A criança, ao estar em contexto semelhante ao que aconteceu no passado, discrimina que seu comportamento poderá ser novamente punido, caso conte a verdade aos seus pais. A vendedora de loja ao distorcer o relato dizendo que uma roupa ficou bem em seu cliente pode estar sob o controle do reforço para o seu comportamento, caso este compre a roupa, ou para que não pareça mal educada caso este tenha gostado do figurino, onde com essa resposta, possivelmente, evitará a apresentação de um estímulo aversivo.

As respostas de racionalização, segundo Medeiros e Rocha (2004) “estão mais sob o controle das consequências, do que pelas variáveis responsáveis pela emissão do comportamento descrito” (p.33). Tais respostas, geralmente, são emitidas pelo falante como se fossem variáveis de controle do seu comportamento, e tendem a aparecer no contexto com topografias de tato. No entanto, são respostas verbais emitidas sem autoconhecimento, e o indivíduo, sequer, discrimina que a justificativa da sua resposta é distorcida (Medeiros, no prelo).

As respostas de racionalização tendem a aparecer no contexto com a função de evitar que o sujeito entre em contato com estímulos que seriam aversivos para o seu comportamento (Medeiros & Rocha, 2004). Isso aconteceria, caso discriminasse que as

variáveis que descreve ao racionalizar, não são de fato as que controlam o seu comportamento. Um exemplo claro disso é a mãe que ao ver seus filhos saírem de casa costuma emitir uma série de intraverbais como “eles têm que seguir a vida”, “os filhos são criados para o mundo”, “ser mãe é padecer no paraíso”, dentre outros. Em muitos casos este relato é apenas uma resposta de racionalização. Isso devido ao fato de que, a variável que controla o seu comportamento, se dá em função de não perder o reforço para o seu comportamento advindo da atenção e do afeto, de modo mais frequente, com a presença dos filhos em casa. Dizer que estar com depressão, e por isso chorou, é mais confortável do que dizer que o seu sofrimento se dá em função de não ter a presença dos filhos de modo constante. Pareceria egoísta da parte dela, e um tato puro a respeito de seu sofrimento provavelmente seria punido pelo seu grupo.

Medeiros (2002a) chama a atenção para o fato de que o uso de reforço arbitrário para o relato também pode aumentar a frequência de relatos distorcidos. Isso devido ao fato de que o comportamento tende a ficar sob o controle desse reforço, e não das consequências naturais decorrentes da interação do organismo com o seu ambiente. Este fato é muito comum ocorrer em processo de psicoterapia, onde ao invés de levar o cliente a relatar as consequências positivas de seu comportamento, ou reforçar a emissão de tatos puros com a audiência não punitiva, o terapeuta provê reforço arbitrário como “muito bem”, “que bom”, dentre outros. Quando o cliente não conseguir emitir a resposta esperada, tenderá a distorcer o relato para o terapeuta, o que acabará privando o profissional de informações importantes sobre as dificuldades enfrentadas pelo cliente para a emissão do comportamento que seria desejável. Tal fato acaba por comprometer todo o processo de terapia.

3.2. Regras

Segundo Skinner (1969, citado por Flores, 2004) regras são estímulos discriminativos verbais especificadores de contingências. São descrições verbais sobre qual comportamento deve ser emitido, em que ocasiões, e as possíveis consequências que este produzirá (Paracampo & Albuquerque, 2005).

De acordo com Baum (1994/1999) para uma melhor compreensão do comportamento governado por regras é necessário que se preceda a uma distinção entre ele e o comportamento modelado por contingências. O comportamento controlado por regras ocorre independente de suas consequências imediatas, sua emissão dá-se após a descrição de uma regra por um falante. Já o comportamento modelado por contingências, refere-se ao “comportamento que é mantido diretamente por consequências relativamente imediatas, e não depende do indivíduo ler ou ouvir uma regra” (p.156).

Segundo Skinner (1974/2004) uma pessoa que esteja se comportando de acordo com uma regra não se comportará exatamente da mesma forma que uma pessoa que tenha tido seu comportamento modelado pelo contato direto com as contingências. Para este autor “uma descrição das contingências nunca é completa ou exata, usualmente é simplificada para poder ser ensinada ou compreendida com facilidade” (p.110)

O comportamento controlado por regras requer a presença de outra pessoa, no caso um falante (Baum, 1994/1999). Diante disso Matos (2001) chama à atenção para o fato de que o estudo do controle por regras deve envolver uma análise do contexto do “falante, pessoa que emite a regra, e do ouvinte, que seguirá ou não a regra” (p.51).

De acordo com Matos (2001), embora muitos comportamentos sejam estabelecidos previamente por uma instrução, o ideal é que quando se aproximem de sua forma final, passem a ser modelados pelas contingências que o descrevem. Em alguns

casos, inicialmente, o aprendizado pelo contato com as contingências poderia significar em grandes prejuízos. Um exemplo claro disso é o do sujeito que está aprendendo a dirigir. Primeiro o sujeito aprende as leis de trânsito que podem ser definidas como instruções que descrevem como se comportar no trânsito, na condição de um lugar compartilhado por pedestres, animais e veículos automotores. Depois de instruído sobre a lei que regula as relações no trânsito, o sujeito vai aprender sobre o funcionamento do carro e como dirigi-lo. Com a instrução e a exposição gradual às contingências, o comportamento de dirigir vai sendo modelado, e vai ficando cada vez mais sob o controle das contingências. Caso fosse colocado em contato direto com as contingências, sem antes passar por este processo, a aprendizagem seria mais longa, e talvez o indivíduo entrasse em contato com alguns estímulos aversivos, caso sofresse um acidente.

A aprendizagem por regras tende a acontecer de modo mais acelerado do que a exposição direta às contingências que as descrevem (Skinner, 1974/2004). Ainda para Skinner regras são seguidas porque o comportamento de seguir regras foi reforçado no passado. O autor exemplifica dizendo que “uma pessoa atenta para um aviso e segue um conselho dependendo do que aconteceu em circunstâncias semelhantes no passado (...) a probabilidade de responder pode ser tomada como medida de sua confiança ou crença no falante ou em suas palavras” (p.105).

Segundo Baum (1994/1999) o tipo de conhecimento relacionado ao controle por contingências e controle por regras são distintos. O conhecimento relacionado ao controle por regras é um conhecimento do tipo declarativo “saber sobre”. O indivíduo que sabe a regra que controla seu comportamento, normalmente sabe fazer a descrição do comportamento, o contexto em que deve ser emitido, e as prováveis consequências que este produzirá. O conhecimento relacionado ao comportamento modelado por

contingências é do tipo declarativo “saber como”. Nesse caso a pessoa sabe executar uma tarefa, mas dificilmente sabe falar a respeito dela, ou explicar como faz para executar. Baum (1994/1999) cita o exemplo de que alguém que saiba andar de bicicleta, sabe como andar, mas não sabe a precisão da força que é usada, os músculos que são utilizados para a realização da atividade, dentre outras características empregadas para a execução da tarefa.

O que costuma ser mais relevante em uma regra é o fato de fortalecer um comportamento que só trará benefícios em longo prazo (Baum, 1994/1999). Tal fato, explica a dificuldade que algumas pessoas enfrentam em seguir determinadas regras. Um exemplo claro disso é o do jovem que relata ter dificuldades de estudar para o vestibular ou para um concurso público. Em muitos casos, a dificuldade relatada, deve-se a imediatividade do reforço produzido para outros comportamentos que são concorrentes ao comportamento de estudar, como sair com os amigos, ficar na internet, dentre outros. As consequências postergadas para o comportamento fazem com que essa pessoa apresente dificuldades de emitir o comportamento desejável, uma vez que este só trará benefícios em longo prazo.

Segundo Baum (1994/1999) o controle por regras sempre envolve duas contingências, as imediatas e as atrasadas. As consequências atrasadas, muitas vezes, mostram-se ineficientes no estabelecimento do repertório comportamental que a regra pretende instalar. A esse respeito Baum (1994/1999) chama a atenção para a importância do reforço social, e às vezes até do uso de reforço arbitrário, quando o comportamento está em início de treino. Após o repertório estar instalado, o esperado é que o controle do comportamento passe para as consequências naturais que este produz, e não mais fique sob o controle do reforço social ou arbitrário emitido por um falante.

Segundo Meyer (2005, citado por Silva & Weber, 2006) “os seres humanos seguem não apenas as regras apresentadas pelos outros, como também formulam e seguem suas próprias regras. Quando estas são formuladas ou reformuladas pelo indivíduo, cujo comportamento passam a controlar, são autorregras” (p.57). Nesse caso específico, o sujeito ocupa tanto o lugar de falante quanto de ouvinte (Baum, 1994/1999). No entanto, faz-se importante ressaltar, que o “formular regras” não se trata de um evento mentalista que causa comportamento, o indivíduo, ao longo de sua história aprendeu, por meio do contato com sua comunidade verbal, quais práticas terão mais chances de serem reforçadas, e mesmo a produção de autorregras só é possível por meio desse repertório verbal construído (Jonas, 1997, citado por Silva & Weber, 2006).

Segundo Carvalho e Medeiros (2005) as regras, por tornarem mais provável que o comportamento apresente respostas mais próximas das contingências que as descrevem, tem a especial função de evitar o contato com estímulos aversivos. Ainda sobre as vantagens do controle por regras Silva e Weber (2006) enfatizam que estas têm um papel importante na ampliação do repertório comportamental do indivíduo. Isso devido ao fato, de que, o controle por regras por descrever com mais precisão qual topografia comportamental será reforçada, em determinadas circunstâncias, permite o acesso a reforçadores, de modo mais rápido, do que se o comportamento tivesse que ser exposto às contingências que o descrevem. Em alguns casos, se dependesse unicamente da modelagem por contingências, o sujeito talvez nunca tivesse acesso a esses reforçadores. Segundo Skinner (1974/2004), outra vantagem do controle por regras, estar no fato que as regras são úteis para simplificar contingências complexas e pouco claras.

Regras são construídas dentro do contexto da comunidade verbal, estão presentes em todas as culturas, são transmitidas de uma geração a outra, e especificam

para o indivíduo quais práticas são esperadas pelo grupo, e que tipo de reforço serão a elas dispensados (Baum, 1994/1999). Regras, de modo geral, são produtos de uma cultura. No entanto, cabe ressaltar que nem todo produto cultural é benéfico ao grupo ou ao indivíduo (Skinner, 1953/1993).

Regras são especialmente úteis quando as contingências são estáveis, no entanto se mostram problemáticas, quando as contingências mudam e a regra que controla o repertório comportamental do indivíduo não (Skinner, 1974/2004).

O repertório comportamental que é estabelecido por modelagem e reforço diferencial, por meio da exposição direta às contingências, tende a apresentar maior variabilidade quando as contingências mudam do que o comportamento que tem como sua variável de controle o estímulo regra (Baum, 1994/1999). Nesse sentido, regras também podem restringir a variabilidade comportamental (Paracampo & Albuquerque, 2005). A esse respeito Skinner (1974/2004) vai dizer “o controle exercido por orientações, conselhos, regras ou leis é mais ostensivo do que o exercido pelas próprias contingências, em parte por que é menos sutil” (p.110).

Segundo Carvalho e Medeiros (2005) regras também são seguidas por imposição cultural. O grupo reforça o comportamento que é socialmente aceitável e pune o que não é aceito. O sujeito, em função dessas contingências, tende a se adequar às regras de seu grupo. No entanto, tais regras, nem sempre descrevem de modo correto as contingências particulares de cada pessoa. Isso faz com que o sujeito, que tem o seu comportamento sob o controle da regra social de modo extenuante, entre em contato com muitos estímulos aversivos. Tal fato resulta no que, cotidianamente, chama-se sofrimento (Carvalho & Medeiros, 2005). Isso coloca o profissional da psicologia diante do fato que, parte do seu trabalho, é discutir e questionar o controle que certas regras

exercem sobre o comportamento das pessoas, a fim de auxiliá-las na construção de um repertório comportamental mais sensível às contingências que vivencia.

3.3. Aprendizagem Vicariante

A aprendizagem por observação ou vicariante refere-se à aprendizagem que é consequência da observação do comportamento de outro organismo (Catania, 1998/1999).

Segundo Baldwin e Baldwin (1986), o comportamento de uma pessoa é influenciado ao observar o comportamento de outra. Quando isto ocorre, o que é imitado é chamado de modelo para o comportamento daquele que observa. Os modelos, de acordo com esses autores, podem ser simbólicos, quando são produtos de criações artísticas.

De acordo com Baum (1994/1999), a imitação de comportamentos de outros organismos, é uma forma pela qual os traços culturais são transmitidos de uma geração a outra. A esse respeito Baum vai dizer que, o processo de imitação se constitui como base da aprendizagem operante, e o comportamento imitado vai sendo modelado pelo grupo até que atinja a topografia esperada pelo grupo.

A habilidade para imitar o comportamento de seus pares pode ser observada tanto em humanos quanto em animais não humanos (Catania, 1998/1999). Tal habilidade, refere-se ao preparo mínimo que os indivíduos têm para interagirem com seu ambiente, e estar dentro do primeiro nível de seleção pelas consequências, a filogênese (Moreira & Medeiros, 2007). Experimentos realizados com macacos (Mineka e col., 1984, citado por Catania 1998) demonstraram que estes, no ambiente natural, evitam cobras, mesmo sem terem tido experiências aversivas com as mesmas, enquanto os que foram criados em ambiente de laboratório não as evitam. Os animais

do laboratório, ao verem os seus pares no ambiente natural apresentando respostas de medo ao animal, também passaram a apresentar respostas de medo diante da exposição ao animal. Infere-se, a partir do experimento em questão, que a aprendizagem dos animais em ambiente natural ocorre em função da observação de modelos. O mesmo pode ser observado no comportamento das crianças, que desde cedo tendem a imitar o que os pais, irmãos e os modelos que assistem na televisão fazem. São exemplos típicos do comportamento infantil, tentar vestir as roupas dos pais, dos super – heróis de desenhos animados, falar as gírias que o irmão mais velho pronuncia, e etc.

Segundo Baldwin e Baldwin (1986), os modelos têm sua utilidade por indicar e facilitar o aprendizado de comportamentos que protegem a vida, de maneira mais rápida e eficaz, do que se o comportamento tivesse que ser exposto às contingências. Baldwin e Baldwin exemplificam dizendo “a vida seria curtíssima se tivéssemos que aprender via modelagem e reforçamento diferencial, a enfrentar os azares de fios elétricos desencapados, armas, cobras, os riscos da direção do automóvel ou da operação de máquinas” (p.166)

A imitação também pode ser inversa, quando a pessoa emite respostas comportamentais diferentes do modelo que observa. Isto tende a ocorrer quando o comportamento do modelo entra em contato com consequências aversivas ou se a pessoa recebe reforçadores de seu grupo por demonstrar que não é uma pessoa conformista (Baldwin & Baldwin, 1986).

De acordo com Gomide (2000) algumas condições aumentam a probabilidade da imitação ocorrer, sendo elas:

- a) se as consequências são reforçadoras tanto para o modelo quanto para o participante;
- b) se as consequências permitem à esquivar ou a fuga de uma situação aversiva, tanto para o modelo como para o participante;
- c)

se o modelo tem status, é admirado pelo participante, se existe vínculo afetivo entre eles; d) se o participante tem repertório comportamental para imitar o comportamento exibido pelo modelo. Gomide (2000, online).

Segundo Baum (1994/1999) os modelos mais imitados são aqueles que representam sucesso e status. Esse autor ainda enfatiza que “assim como nos inclinamos a imitar pessoas bem sucedidas, também nos inclinamos a seguir regras dadas por pessoas bem sucedidas” (p. 261). Na cultura vigente, pessoas consideradas bem sucedidas têm a exposição de sua imagem e modo de vida, apresentado de maneira extenuante pelos meios de comunicação. A esse respeito Baum (1994/1999) cita que os modelos de sucesso são, com frequência, atores de cinema, empresários, escritores, artistas. O que essas pessoas fazem e dizem, costuma exercer elevado controle sobre o comportamento de quem as observa.

De acordo com Baum (1994/1999) práticas que levam o indivíduo a perder reforçadores e entrar em contato com estímulos aversivos, também tendem a ser imitadas, e às vezes chegam a marcar épocas e períodos históricos. O clássico da literatura mundial, “Os Sofrimentos do jovem Werther”, do autor alemão Johan Wolfgang Goethe, de 1774, é um bom exemplo de como os modelos descritos pela literatura podem influenciar o comportamento das pessoas e marcar épocas. O livro relata a história de um jovem que se apaixona por uma moça comprometida, e na impossibilidade desse amor ser correspondido, o protagonista da estória, dá fim a própria vida, suicidando-se. O sucesso do livro entre os jovens da época foi seguido por uma onda de suicídios por parte daqueles que não alcançavam um amor correspondido. O livro de certa forma poetizou a morte por amor, fazendo desse ato, que causa dano a vida, um ato belo e um modelo a ser imitado.

Regras e modelos, como discutidos, apresentam vantagens, na medida em que a aprendizagem se dá de forma mais rápida, e eliminam contatos com estímulos aversivos. Por outro lado, por serem formas de perpetuação de práticas comportamentais, acabam gerando controle impreciso sobre o comportamento do indivíduo, uma vez que não se aplicam as contingências particulares que este vivencia. Tal fato pode implicar em não reforçamento e punição de seus comportamentos.

CAPÍTULO 04. RESUMO DE TRABALHOS CORRELATOS

4.1. Análise Sobre Padrões de Relacionamentos Amorosos no Livro “Sex And The City”.

Os autores Pastana, Bortolozzi e Maia (2010) realizaram um estudo qualitativo descritivo, através da análise de conteúdo do Livro “Sex And The city”, de autoria da jornalista Candace Bushnell, publicado em 1997, pela editora Grand Central Publishing.

O livro aborda o tema relações sexuais e afetivas por meio das histórias de quatro mulheres, na faixa etária entre os 30 e 40 anos. As personagens, descritas pelo livro, vivenciam a alegria de ser financeiramente independente, e a constante busca de um amor correspondido, para coroação do status de mulher bem sucedida. A obra inspirou um seriado e um filme, e foi recebida pelo público como uma ilustração realista, de como a mulher vivencia e sente-se em relação à sua sexualidade atualmente.

Segundo Pastana e cols. (2010), embora o livro tenha sido bem aceito, a análise do discurso dos personagens acaba por evidenciar estereótipos e preconceitos vigentes na cultura atual. Ainda para esses autores, quando criticamente analisada, a obra é permeada de regras e imposições, contrapondo-se à noção de liberdade que enfatiza.

Diante do fato de que a presente pesquisa não teve como referencial teórico o Behaviorismo Radical, cabe ressaltar que dentro do escopo teórico deste, os estereótipos funcionam como regras e modelos, que são importantes variáveis de controle do comportamento. As regras e os modelos dentro de uma cultura referem-se às descrições de contingências, que se seguidas são dispensadas a elas reforço social de elevada

magnitude para o sujeito (Baum, 1994/1999). Diante disso cabe ressaltar que o indivíduo aprende a nomear o que sente e a maneira de agir de modo a ser aceito pelo seu grupo através das dicas que a comunidade verbal fornece. No entanto, por estas mesmas dicas, o sujeito aprende que seu valor estar condicionado à adequação do seu comportamento ao modelo que o grupo impõe. A esse respeito Baum (1994/1999) enfatiza que os modelos almejados são aqueles que representam sucesso e status, e Skinner (1953/1993) constata que nem todo produto cultural é benéfico para o indivíduo.

O ideal de amor romântico estar no auge das realizações almejadas pelas pessoas na sociedade contemporânea, e os autores do estudo, enfatizaram que, dentro desse modelo, as pessoas são constantemente levadas a acreditar que:

O amor é a fonte de glamorização de nossas vidas; sem o amor estamos amputados de nossa melhor parte (...). Podemos até mesmo considerar o amor a religião secular de nossos tempos, tomado como fonte de salvação da pessoa, de cura para todos os males. Pastana e cols. (2010, p. 58).

A partir da análise, do discurso dos personagens representados no livro, os autores da pesquisa chegaram aos seguintes estereótipos e regras:

Compreensão da mulher solteira como solitária e infeliz; compreensão da mulher solteira como independente e consumista; compreensão de que a mulher solteira é carente de um relacionamento heterossexual associado ao ideal de amor romântico e feliz; compreensão dos relacionamentos amorosos como mercadorias; as pessoas como objetos de uso e troca. Pastana e cols. (2010, p.55).

Dentre as demais regras que foram identificadas pelos autores, estão os conselhos de como administrar relações mal sucedidas, e como fazer para que os relacionamentos dêem certos (Pastana & cols., 2010). A esse respeito, cabe citar os seguintes trechos do livro que entraram na discussão do estudo: “você deve colocar seus pés no chão” e “você deve ser um pouco calculista” (Bushnell, 1997, p.145, citada por Pastana & cols., 2010).

Outra fala que é pertinente ressaltar, por mostrar o modelo de parceiro que é buscado por essas mulheres, é o depoimento de um homem em um dos capítulos do livro:

Não eu não lamento por ninguém que tem expectativas que não consegue alcançar. Eu lamento pelos perdedores que essas mulheres não olham. Não há nenhuma mulher em Nova York que nunca dispensou 10 maravilhosos e adoráveis caras só porque eles eram gordos ou não tinham poder suficiente ou não eram ricos o suficiente ou não eram indiferentes o suficiente. Mas esses caras, realmente sexy, que essas mulheres estão procurando, estão interessados em meninas por volta dos 20 anos. Bushnell (1997, p. 29, citada por Pastana & cols., 2010).

Segundo Gonçalves (2007, citado por Pastana & cols., 2010) apesar das mudanças ocorridas nos papéis de gênero nas últimas décadas, ainda predominam idéias afirmativas de que “homens e mulheres tenham comportamentos distintos, ora reafirmando velhos estereótipos, ora idealizando novas masculinidades e feminilidades” (p.58). De acordo com os autores do estudo em questão, tal fato colabora para ensejar os desencontros amorosos na atualidade, e parte desses desencontros são claramente ilustrados nas narrativas do livro.

Os autores do presente estudo (Pastana & cols., 2010), concluíram que estereótipos e regras devem ser discutidos e analisados, e não devem ser aceitos de modo acrítico, e que a Psicologia tem um papel importante na discussão e desconstrução de tais regras. Em uma análise comportamental, cabe dizer que é necessária a substituição de regras imprecisas por regras que descrevam melhor as contingências presentes no contexto, e que por sua vez levem o indivíduo a entrar em contato com reforçadores naturais para o seu comportamento.

4.2. Uma Discussão do Filme “The Bridges Of Madison County” de Acordo com a Análise Comportamental

A autora do estudo, Silveira (2004) se propôs a analisar o filme “The Bridges Of Madison County”, cujo título em português é “As Pontes de Madson”, tendo como referencial teórico a Análise do Comportamento.

Segundo a autora do estudo (Silveira, 2004), existe bastante correspondência entre as histórias dos protagonistas, e o que se sabe a respeito do comportamento humano nas suas interações afetivas.

O filme relata o romance vivido por Robert e Francesca. Ele um fotógrafo da Revista National Geographic, solteiro, viaja pelo mundo a trabalho a fim de registrar imagens de lugares pitorescos. Ela, uma pacata dona de casa, casada, mãe de dois filhos adolescentes, morando há anos em uma fazenda, desde que conheceu seu marido como soldado em sua cidade natal, Itália, e veio morar com ele nos Estados Unidos.

Francesca conhece Robert, quando este vai realizar um trabalho em sua cidade, Madson, e os dois vivenciam um intenso romance. Apesar da relação entre o casal ser bastante reforçadora, ao final do filme, Francesca decide ficar com a família, ao invés

de acompanhar Robert e dar continuidade ao relacionamento. Os anos passam e Francesca nunca esquece Robert, lembrando-se dele por toda a sua vida.

Silveira (2004) optou por abordar em seu estudo quatro aspectos importantes da estória dos protagonistas, que foram focos de sua análise, sendo eles:

(1) Como pessoas tão diferentes tornam-se um par? (2) Se não havia problemas explícitos no contexto familiar de Francesca porque ela manifestava insatisfação? (3) Se o romance com Robert era perfeito porque Francesca não permanece no relacionamento? (4) Se a separação foi definitiva porque Francesca não esquece Robert até o fim de sua vida? Silveira (2004, p.121).

Respondendo a primeira questão a autora enfatiza o fato de que, o repertório comportamental das pessoas que se relacionam precisa ser funcional, ou seja, a interação precisa produzir reforçadores positivos para o comportamento das pessoas envolvidas. Segundo Silveira (2004), essa funcionalidade pode ser devida a afinidades ou diferenças entre os pares. A estória de Robert e Francesca, demonstrou que repertórios diversos, podem produzir reforçadores interessantes para o comportamento dos envolvidos em uma relação amorosa.

Segundo Amélio (2001, citado por Silva & Weber, 2006), os princípios que regem as escolhas afetivas, se dão em função da homogamia e heterogamia. Na homogamia, os parceiros buscam alguém com quem compartilhem afinidades e semelhanças. Isso faz com que a relação seja especialmente reforçadora para ambos. Na heterogamia, o reforço se dá através da complementaridade, onde as diferenças se constituem em fator de enriquecimento. No entanto, Ingberman (2004, citado por Silva & Weber, 2006) ressalta que nos inícios de relacionamento, de modo geral, nem as

diferenças e nem as semelhanças, serão fatores que poderão predizer por quanto tempo uma relação será fonte de reforçadores para o comportamento dos parceiros afetivos. Nessa fase, os envolvidos procuram mostrar ao parceiro o que têm de mais interessante, e os encontros normalmente são em função de entretenimento e lazer. Os problemas costumam se mostrar mais presentes, quando a convivência passa a ser mais intensa. Diante disso, diferente do que propôs a autora do estudo, as diferenças que foram tão reforçadoras para o estabelecimento da relação entre Robert e Francesca, também poderiam ser motivos de um futuro rompimento, caso a relação se estabelecesse de modo contínuo entre os dois.

A segunda questão é respondida de modo que a autora, ao analisar o contexto de vida de Francesca, enfatiza que embora a protagonista não apresentasse de modo explícito qualquer problema de ordem relacional com o marido e os filhos, comporta-se com elevada frequência de modo a evitar a apresentação de estímulos aversivos. Francesca empenha-se em manter a casa em ordem, e estar em dia com os rituais e as tarefas domésticas. Tal fato dá-se em vista de que a possível transgressão do seu papel de mãe e esposa, poderia implicar em forte punição social. Isso faria com que, possivelmente, alguns estímulos aversivos fossem apresentados, como a coerção dos filhos, marido e até da comunidade verbal da qual fazia parte. A esse respeito a autora do estudo conclui que “nem sempre a ausência de um estímulo aversivo observável implica em sentimentos de satisfação com a vida” (p.125).

A terceira questão é enfatizada pela autora, de modo a dizer que, contrapondo-se às noções mentalistas de que sentimentos são causas de comportamento, os mesmos são produtos de contingências ambientais (Skinner, 1989/2002). Nesse sentido, cabe dizer que Francesca sentia-se bem com Robert, devido ao fato de que estar com ele era especialmente reforçador para o comportamento dela. Segundo Madi (2004, citado por

Silveira, 2004) os produtos colaterais do reforço positivo são os sentimentos de “alegria, felicidade e contentamento” (p.123). No caso de Francesca, embora estivesse experimentando estes sentimentos, como produto de sua relação com Robert, por estes não serem causa de comportamento, não foram suficientes para que ela deixasse seu marido e filhos para dar continuidade à relação. Havia outras contingências presentes no contexto de Francesca que a fizeram ficar. As palavras da personagem ao dizer que “a mulher que decide casar e ter filhos sabe que estará abrindo mão de alguns prazeres”, demonstram com clareza a presença de outras variáveis que justificaram seu comportamento. Isso significa dizer que o comportamento “decisão de ficar”, apresentado por Francesca estar sob o controle de contingências sociais e afetivas aversivas. Isso decorrente das consequências que sua atitude teria em seus filhos e marido, e sobre ela mesma no contexto do grupo onde estava inserida.

Segundo Catania (1998, citado por Silveira, 2004), a retirada do reforço resulta na redução do responder, e quando este retorna aos seus níveis anteriores diz-se que o comportamento foi extinto. A quarta questão levantada pela autora do estudo refere-se ao fato de que embora o reforço produzido para o comportamento de Francesca tenha sido retirado pela saída de Robert de sua vida, tal retirada não produziu extinção de respostas comportamentais aos níveis de antes de conhecer Robert. Francesca lembrou-se de Robert durante toda a sua vida, comportamento que foi operacionalizado, pela autora do estudo, como “ver na ausência da coisa vista” (p.124).

Ao analisar o contexto e os comportamentos de Francesca, após o término do relacionamento, a autora concluiu que a protagonista se comportou de modo a evitar esquecer, trazendo para o seu cotidiano elementos que estiveram presentes nos momentos que compartilhou com Robert. Francesca guardou objetos, visitava a ponte onde ficaram juntos a cada aniversário, procurou manter uma amiga que tinham em

comum, escreveu uma carta para os filhos que deveria ser lida após sua morte contando o romance, por fim desejou ser cremada e que suas cinzas fossem jogadas na ponte que marcou a estória do casal. Tais comportamentos de Francesca, para a autora do estudo, justificam o seu não esquecimento e o seu comportamento de “ver na ausência da coisa vista” (p.124). Os elementos que foram parte da contingência, nos momentos em que Francesca esteve com Robert, se tornaram estímulos discriminativos para o comportamento de Francesca “ver Robert”, mesmo que este não estivesse presente. Para que o esquecimento ocorresse tais contingências precisariam ser alteradas, ou novos emparelhamentos tivessem que ocorrer. A autora finaliza o estudo com a seguinte e válida instrução “Se você não consegue esquecer, pelo menos não aja de forma a ficar lembrando” (p.125).

4.3. Análise Comportamental dos Contos de Fadas: Uma Questão de Gênero

A autora do estudo (Passinato, 2009) analisou alguns contos clássicos, sendo eles: A Branca de Neve, A Bela e a Fera, A Bela Adormecida, Cinderela e Rapunzel. Os contos mais atuais analisados no estudo foram: Encantada, Para Sempre Cinderela e Shrek.

A pesquisa demonstrou a grande influência que os contos de fadas têm sobre o comportamento afetivo das pessoas, ainda na atualidade, e em especial sobre as mulheres. Segundo Passinato (2009) “a idealização do parceiro amoroso, é resultado, de entre outros fatores, de modelos e regras ditadas por contos de fadas, principalmente os tradicionais” (p.58). Pelos contos é ensinado que relações amorosas, de acordo com o modelo apresentado, são sempre muito reforçadoras. No entanto, estes modelos, muitas vezes descrevem contingências imprecisas para a realidade particular das pessoas, em

um mundo que é real, e príncipes e princesas como os descritos nos contos não existem (Passinato, 2009).

A autora do estudo enfatizou que nos clássicos o ideal de beleza perfeita é fortemente estabelecido. As princesas são sempre belas, o que faz os príncipes se apaixonarem por elas de modo quase instantâneo (Passinato, 2009). As meninas, com base nesse modelo, aprendem como regra que para conseguirem um parceiro precisam ser belas. Os rapazes aprendem que a estética é um pré-requisito primordial para que uma moça seja sua namorada, em detrimento de outras qualidades (Passinato, 2009).

O estudo em questão demonstrou que as mulheres são fortemente afetadas por esses modelos, e que cotidianamente buscam se adequarem ao padrão de beleza perfeita instituído pelo grupo. É comum que muitas arrisquem a própria vida quando se submetem a procedimentos estéticos pouco confiáveis (Passinato, 2009). Cabe ressaltar que a beleza nos contos é fortemente associada à bondade. As princesas, além de belas, são pessoas de alma nobre, quando comparada as suas concorrentes na disputa pelo amor do príncipe.

Segundo Passinato (2009) os contos também contribuíram para fortalecer a diferença entre os gêneros. Os homens são representados pelo príncipe, como alguém forte e que vence todos os obstáculos, como dragões e bruxas más, e as princesas, por sua vez, são passivas e reféns, em muitos casos de uma rival.

Os contos também são marcados pela impactante frase de efeito “e foram felizes para sempre”, sugerindo que relações bem sucedidas são aquelas onde não existe um fim (Passinato, 2009). Términos de relacionamento, de acordo com esse modelo, sugerem fracasso e incompetência. O que para Carvalho e Medeiros (2005), tal sugestão, se constitui em uma forte variável de controle para que algumas pessoas se mantenham em uma relação pouco reforçadora.

Os contos atuais, segundo a autora do estudo (Passinato, 2009), se constituem em uma tentativa de apresentar novos modelos que descrevam com um pouco mais de precisão as contingências da sociedade contemporânea. A nova Cinderela não é tão passiva quanto à primeira, e em Shrek, o ideal de beleza como ingrediente primordial para uma relação é desconstruído, valorizando-se outras características.

Segundo Passinato (2009), embora tenham havido mudanças significativas dos contos clássicos para os atuais, ainda é fortemente veiculada a regra de que a felicidade estar condicionada ao encontro do amor verdadeiro, e que este deve durar e ser feliz para sempre.

4.4. Análise Documental do Filme “Alfie – O sedutor”

“Alfie: o sedutor” é um filme de 2004, e trata-se de uma versão moderna de “Alfie: o sedutor” do ano de 1966.

O presente estudo, dos autores Beltrão e Medeiros (2010), se propôs a analisar o comportamento do protagonista Alfie em suas interações afetivas / sexuais. Dentre os conceitos utilizados, os autores do estudo realizaram uma análise do comportamento verbal do protagonista em suas interações, e também analisaram as regras sob as quais o comportamento de Alfie estava sob controle.

Alfie é um homem solteiro, que vive em Nova York, e passa a maior parte da trama em função de seduzir mulheres carentes. No entanto, evita ao máximo se vincular afetivamente com qualquer uma delas. O que é importante para o comportamento de Alfie é o sexo disponível nessas relações fortuitas. Parte da trama se desenrola com Alfie se dirigindo a câmera e contando ao telespectador seu modo de vida e como faz para conquistar essas mulheres.

Alfie, por conta de seu comportamento promíscuo, acaba por estragar a única relação de amizade que tem, quando se envolve sexualmente com a ex-namorada do amigo, Marlon. A relação afetiva mais significativa que Alfie mantém na trama é com Julie, uma mãe solteira que ele procura quando sente falta de comida caseira e um pouco de afeto. No entanto, Julie também rompe com Alfie, diante dos claros sinais de seu comportamento promíscuo. Ao final do filme, o protagonista se vê só, e discrimina o fato como consequência de seus comportamentos. A reflexão final de Alfie é que poderia ter sido bastante reforçador para ele se manter numa relação afetiva estável, uma vez que sente dificuldade de lidar com a própria solidão.

Os autores concluíram que o comportamento de Alfie no filme acaba por ser uma reprodução de regras circundantes na sociedade contemporânea para o comportamento masculino (Beltrão & Medeiros, 2010). O protagonista passa a maior parte do tempo ensinando ao telespectador como seduzir as mulheres, e ao mesmo tempo, como não se vincular afetivamente a elas. Passa a regra geral de que, para os homens, o importante é o reforço obtido com a relação sexual fortuita e disponível, e que estes não precisam dos reforçadores produzidos no contexto das relações de intimidade. No entanto, o personagem experimenta, como efeito colateral de se comportar conforme este modelo, o sentimento de solidão, com o qual não lida bem.

Apesar de a maior parte do filme ser marcada por regras pouco favoráveis para o comportamento masculino de se empenhar em uma relação de intimidade, o final do filme mostra Alfie sentindo falta dos reforçadores aos quais experimentou em sua relação com Jolie. Isso demonstra, de certo modo, que relações de intimidade, podem ser bastante interessantes e reforçadoras para o comportamento das pessoas.

CAPÍTULO 05. DESCRIÇÃO DO FILME.

Título Original: 500 Days of Summer.

Título no Brasil: 500 Dias com Ela ou 500 dias com Summer.

Gênero: Drama /Comédia Romântica.

Roteiro: Scott Neustadter e Michael H. Weber.

Direção: Marc Webb.

Produção: Mark Waters.

Ano: 2009

5.1. Enredo

A narrativa do filme “500 Dias com Ela” se dá de forma não linear, e procura mostrar principalmente o olhar do seu protagonista masculino sobre um relacionamento fracassado. A descrição a seguir se dá de forma linear aos fatos.

O filme começa com a narração em terceira pessoa sobre fatos da infância e desenvolvimento dos personagens principais, Summer e Tom.

O narrador diz o seguinte trecho sobre Tom:

O garoto, Tom Hansen, de Margate, Nova Jersey, cresceu acreditando que nunca seria verdadeiramente feliz até o dia em que conhecesse a predestinada. Essa crença vem de uma exposição precoce à triste música pop britânica e à má compreensão do filme “A Primeira Noite de um Homem”.

Sobre Summer a narrativa é a que segue:

A garota, Summer Finn, de Shinnecock, Michigan, não acredita na mesma coisa. Desde o fim do casamento de seus pais, ela só amava duas

coisas: A primeira era seu longo cabelo escuro; a segunda era a facilidade para cortá-lo, sem sentir nada.

Tom Hansen, arquiteto formado, trabalha como escritor de cartões em uma empresa de Los Angeles, conhece Summer Finn, a nova assistente de seu chefe no dia 08 de Janeiro. Ao vê-la Tom tem a certeza de que está diante da sua predestinada.

O comportamento de Tom, nos dias que seguem, é marcado pela tentativa de se aproximar de Summer. Sua grande chance surge quando os colegas de trabalho marcam de sair para um karaokê. Summer e Tom, nesse momento, conversam sobre diversos assuntos, inclusive sobre o amor, onde colocam seus pontos de vista. Summer deixa claro que não acredita em “amor verdadeiro” e que isso serve apenas para machucar as pessoas. Tom discorda dessa opinião. Ao final da noite, o amigo de Tom, Mckenzie, deixa escapar para Summer o interesse do amigo por ela, gerando certo constrangimento em Tom.

Os dias seguintes são marcados por uma maior aproximação entre o casal. Tom leva Summer para conhecer seu lugar preferido em Los Angeles, uma série de prédios onde a vista é estragada por estacionamentos. Summer o leva em sua casa, e fala de seus medos. Embora esteja se divertindo, Summer deixa claro que não deseja ser namorada de Tom, que o relacionamento é apenas casual, e pergunta se para ele isso seria um problema, ao passo que ele responde não ser. Tom se engaja na relação, mas em muitos momentos se mostra confuso e insatisfeito com essa forma de se relacionar. Seus amigos também o questionam sobre o que, de fato, o relacionamento deles seria.

Tom leva Summer para assistir *The Graduate*, um filme onde acredita estar exposto o amor verdadeiro. Após o filme Summer termina com Tom. Ele não encara bem a separação e seus amigos, Paul e Mackenzie, chamam Rachel, sua irmã para acalmá-lo. Rachel e seus amigos lhe dão diversos conselhos, dentre eles, dizem que há

outros peixes no mar, e o lembram de que já terminou outros relacionamentos. Tom apenas enfatiza que agora é diferente porque ama Summer e o jeito como ela o faz sentir-se.

Summer sai da empresa de cartões. Tom passa a escrever textos muito depressivos. Isso faz com que seu chefe, Vance, o mude para o setor de consolações, já que não consegue escrever sobre momentos felizes.

Meses depois, Tom tenta uma reaproximação, indo para o casamento de uma amiga de trabalho em comum, onde novamente tem contato com Summer. O encontro faz com que relembrem os tempos do “namoro” e divertem-se. Summer pega o buquê. Na viagem de volta para casa sentam juntos, e ela o convida para uma festa em seu apartamento. Tom vai à festa, cheio de expectativas, e vê Summer mostrando uma aliança de noivado a uma amiga. Isso o faz perceber que o relacionamento, de fato, acabou.

Tom passa por um período de depressão, onde não cuida da aparência, da alimentação, ingere bebidas alcoólicas com frequência e evita contatos sociais relevantes. Depois de alguns dias vai ao trabalho de ressaca. Nesse momento passa a questionar suas crenças em amor verdadeiro, destino, pede demissão do emprego e passa a dedicar-se a arquitetura.

A penúltima cena do filme é marcada pelo encontro entre Tom e Summer, ela já casada. Ele a questiona, como ela que nunca quis namorar pôde ter se casado. Tom relata a Summer a sua atual descrença no amor dizendo que ela estava certa. Summer diz a Tom que não, ele quem estava certo, só não era sobre ela que estava certo, e que agora estava sentindo pelo marido o que nunca sentiu por ele. Tom deseja a Summer que seja feliz.

A última cena do filme é marcada por Tom chegando a uma entrevista de emprego, onde conhece Auntumn (Outono, em inglês). Ela, uma bela mulher, é sua concorrente para a vaga. Tom a convida para um café após a entrevista.

O filme acaba com a seguinte narrativa: “Tom finalmente aprendeu que não existem milagres. Não existem coisas como o destino. Nada estar destinado a ser. Ele sabia. Ele tinha certeza disso agora. Tom tinha... Desculpa!”.

5.2 Breves considerações

O resumo descrito pode não contemplar toda a riqueza de dados que o filme possui e que são relevantes para a análise do estudo em questão. Considerando este fato, esses dados podem aparecer na análise quando forem úteis para demonstrar aspectos relevantes para o estudo.

CAPÍTULO 06. ANÁLISE DO FILME

6.1. Comportamento emocional de Tom

Segundo Kohlenberg e Tsai (1991/2001) sentimentos não são causa de comportamentos e sim respostas emocionais respondentes e operantes decorrentes da interação do organismo com o seu ambiente. A esse respeito Skinner (1989/2002) ilustra da seguinte maneira “não choramos porque estamos tristes, ou sentimos tristeza porque choramos; choramos e sentimos tristeza porque alguma coisa aconteceu (talvez alguém a quem amávamos tenha morrido)” (p.15). Cabe ressaltar que as pessoas aprendem a nomear o que sentem através das dicas públicas que a comunidade verbal fornece de modo contíguo a esses eventos.

O comportamento emocional de Tom no decorrer do filme ilustra bem a proposição do Behaviorismo Radical a respeito do fenômeno emocional. Skinner (1953/1993) diz que quando as pessoas relatam o que sentem a nomeação que dão ao sentimento, referem-se ao que aconteceu a elas, e que tipos de topografias comportamentais tenderão a emitir. A emissão de tais respostas depende das práticas de reforço da comunidade verbal onde estão inseridas. Tom, ao dizer que ama Summer, demonstra sua probabilidade de emitir comportamentos, que são reforçados por estar perto dela, e de favorecê-la, o que fez no decorrer da estória. O filme mostra cenas onde Tom se comporta em função de agradar Summer. As cenas são marcadas por Tom perguntando se Summer quer sair para jantar, ir ao cinema e a presenteando com um livro e um CD.

O amor que sente por Summer é em decorrência do reforço emitido por ela para o comportamento dele, o que fica claro em suas palavras “Amo como ela me faz sentir. Como se tudo fosse possível, como se a vida valesse a pena”. A afirmação de Tom é perfeitamente condizente com a afirmação de Skinner (1989/2002) que enfatiza que no

contexto das relações afetivas quando se diz “Eu te amo” significa “Você me dá prazer ou me faz sentir-me bem” ou “Você reforça meu comportamento” (p.16). Cabe ressaltar que os reforçadores emitidos por Summer para o comportamento de Tom, são tanto generalizados, em função do controle social que os modelos simbólicos exerciam sobre o seu comportamento, quanto naturais, decorrentes da vivência da intimidade, que envolve troca de afeto, sexo, dentre outros.

Segundo Moreira e Medeiros (2007) a forma como as pessoas se comportam emocionalmente, em seu aspecto respondente, deve-se ao emparelhamento de estímulos, onde um estímulo que provoca uma reação emocional é apresentado logo após ou contíguo a outro que não provocaria qualquer reação. Summer nos momentos de interação com Tom reforça significativamente o comportamento dele, e muitos dos estímulos presentes quando estão juntos, tornam-se estímulos condicionados que eliciaram respostas emocionais em Tom, mesmo na ausência de Summer. Tal proposição fica clara com a seguinte narrativa: “Amo que ouço uma música sempre que penso nela”. A música é parte da contingência onde o comportamento foi reforçado, e por isso torna-se um estímulo discriminativo que facilita a lembrança de Summer, mesmo quando esta não estar presente (Skinner 1953/1993).

O sofrimento apresentado por Tom, decorrente do rompimento da relação, justifica-se pela perda de reforçadores que Summer emitia para o seu comportamento, o que torna clara a proposição de Skinner (1989/2002) de que “não choramos porque sentimos tristeza, e sim choramos e sentimos tristeza porque algo aconteceu” (p.16).

A cena que mostra o comportamento do personagem logo após o término do relacionamento demonstra com clareza padrões respondentes e operantes que constituem suas repostas emocionais. São respostas operantes emitidas pelo personagem “quebrar os pratos, ingerir bebida alcoólica, relatar aos amigos o que aconteceu”. São

topografias que Tom aprendeu pelo contato com sua cultura, onde as pessoas dizem que quando estão sentindo raiva, essas repostas são condizentes e até reforçadas. De modo contíguo a essas respostas, o personagem apresenta o franzir de testa e respiração ofegante. Tais topografias são alterações fisiológicas referentes ao padrão respondente dos estados emocionais. Cabe ressaltar nesse momento a proposição de Kohlenberg e Tsai (1991/2001) ao dizer que o comportamento emocional respondente pode ser imitado pelo comportamento operante. Isso devido ao fato que o ator que interpreta o personagem Tom no filme, não necessariamente estava se comportando naturalmente, mas sim imitando para dar realismo ao seu personagem, como esclarece Skinner (1953/1993).

Respostas emocionais nomeadas como ciúme tendem a aparecer no contexto onde o indivíduo discrimina a possível perda de reforçadores. Segundo Costa (2009), as topografias comportamentais que se apresentam quando alguém diz sentir ciúmes são em função de afastar o rival, diminuir a competição, e também chamar a atenção do parceiro. Essas topografias foram apresentadas por Tom, quando outro homem foi cortejar Summer em sua frente. Ele solicitou que o rival se afastasse e diante da negativa se envolveu em uma briga.

As proposições de Banaco (2005, citado por Costa, 2009) ao dizer que o ciúme é também uma emoção social e de Tourinho (2006, citado por Cunha & Borloti, 2009) ao dizer que o que é sentido pelo sujeito é experimentado dentro de um contexto cultural e sob o controle das práticas verbais de um grupo, puderam ser observadas pelo relato de Tom após a briga. Em alguns contextos culturais, emitir comportamentos ciumentos é tratado como demonstração de afeto e prova de amor. Tom, após a briga apresentou comportamentos descritos cotidianamente como euforia em relação ao seu feito, e Summer desaprovou seu comportamento. Aborrecido, Tom disse que apanhou por ela.

Infere-se, a partir da cena, que ao dizer isto Tom estava dizendo que fez por amor a ela, portanto, ela não tinha o direito de sentir raiva dele. Tom, devido às práticas de seu grupo, acreditava que o seu comportamento ciumento deveria ser reforçado por Summer.

6.2. A comunicação entre Tom e Summer

Segundo Cordova e Jacobson (1999, citado por Silva & Weber, 2006) parte dos problemas que os casais enfrentam em uma relação deve-se a dificuldade de comunicação entre os parceiros. A esse respeito Kohlenberg e Tsai (1991/2001) dizem que em contexto de relações de intimidade os envolvidos devem ser claros um com outro a respeito do que sentem, de modo que possam ter suas necessidades atendidas. No entanto, Medeiros (2002) ressalta que no contexto de uma interação o falante adapta suas expressões, a fim de exercer um controle mais preciso sobre o comportamento do ouvinte, de modo que possa ter seu comportamento reforçado nessa relação. Isso faz com que nem sempre a comunicação seja clara, uma vez que a depender do modo como irá aparecer no contexto, o comportamento sob o controle do reforço emitido pelo ouvinte, pode implicar em punição e perda de reforçadores.

O relacionamento entre Tom e Summer é marcado pela diferença do tipo de relação que seria reforçadora para o comportamento de ambos. Para o comportamento de Summer é reforçador estar com Tom, compartilhar momentos de intimidade, mas não é reforçador para o comportamento dela ser rotulada como namorada dele. Já para o comportamento de Tom é especialmente reforçador que Summer seja sua namorada nos moldes convencionais de namoro, em função do controle social que a regra “ela era a sua predestinada, portanto a única capaz de fazê-lo feliz” exercia sobre o seu comportamento.

O início do relacionamento entre Tom e Summer é marcado pelo diálogo onde ela deixa claro para Tom que deseja apenas que o relacionamento entre eles seja casual, e pergunta se para ele há algum problema, ao passo que ele responde não haver. Em termos comportamentais o diálogo entre Tom e Summer é marcado pela emissão de um tato puro, da parte dela, diante do fato que a emissão de sua resposta verbal estar sob o controle discriminativo do tipo de relação que seria reforçadora para ela com ele, e não sob o controle de um reforço que poderia ser emitido por ele na condição de ouvinte. No entanto, Tom responde com um operante verbal manipulativo, um tato distorcido, onde sua resposta verbal se dá em função de não perder os reforçadores provenientes da relação de intimidade com Summer, e não em função do tipo de relação que seria reforçador para ele viver com ela.

Quando Tom e Summer vão ter a primeira relação sexual ele fica desconfortável como o fato dela não ser sua namorada, e emite o seguinte Intraverbal para si próprio: “Certo! É só uma garota. Só uma garota. Ela quer ser casual. Por isso estar na minha cama, pessoas casuais fazem isso. Tudo bem, tudo ótimo!”. Tom ao racionalizar para si que pessoas casuais fazem isto, está de acordo com a conexão que a cultura estabeleceu para sexo sem compromisso igual relacionamento casual (Medeiros & Rocha, 2004). Outros intraverbais foram emitidos por Tom, no decorrer do filme, dentre eles cabe citar: “Por favor, somos adultos, sabemos o que sentimos. Não precisamos de rótulos. Namorado, namorada, tudo isso é muito juvenil”.

Os operantes intraverbais emitidos por Tom eram apenas respostas de racionalização no seu discurso (Medeiros & Rocha, 2004). Isso devido ao fato de que o seu comportamento de modo algum estava sob o controle do discurso moderno emitido por ele, de que “pessoas casuais têm relação sem compromisso” e “adultos não precisam de rótulos”. Tal discurso era uma regra que controlava o comportamento de Summer,

não de Tom, que simplesmente os repetia, sem autoconhecimento, para conseguir lidar com uma relação afetiva fora dos moldes que seriam reforçadores para ele (Medeiros & Rocha, 2004).

Quando a relação tornou-se pouco reforçadora, e Summer passou a punir os comportamentos de Tom, ele reagiu de modo a dizer o que o relacionamento deles significava para ele. A noção de significado para o Behaviorismo é que os conceitos e usos que uma pessoa aprende dentro do seu grupo, é que vão definir o significado de cada palavra para o indivíduo (Skinner, 1957/1978, citado por Medeiros, 2002). Este significado depende das práticas de reforço, que podem variar de um grupo para outro. Os comportamentos emitidos no contexto da interação afetiva entre Tom e Summer, para ele significavam um namoro, enquanto que, para ela, significavam um relacionamento casual. Tom deixa claro quando emite o seguinte relato:

Não venha com essa. Nem tente. Não é assim que se trata um amigo.
Beijos na sala da copiadora, mãos dadas na loja. Sexo no chuveiro.
Amigos uma ova! (...) Não é a única a dar opinião, eu também posso. E digo que somos um casal, droga!

O comportamento de Tom, na condição de falante, ficou a maior parte do tempo em função de não perder os reforçadores emitidos por Summer. Isso fez com que ele adaptasse suas expressões e relato, tendo como função a manutenção do relacionamento.

6.3. Modelação inversa e autorregras no comportamento de Summer

A narrativa inicial do filme enfatiza a separação dos pais de Summer, e o fato de, ao contrário de Tom, ela não acreditar que só seria feliz quando encontrasse alguém

com quem pudesse vivenciar um amor nos moldes dos contos de fada, filmes e demais produções artísticas.

Segundo Baldwin e Baldwin (1986) quando um observador vê o comportamento de um modelo ser punido tende a fazer o contrário do modelo. Apesar do filme não mostrar esses dados de forma detalhada, com base no relato verbal de Summer, é possível inferir que seu comportamento tenha sido inversamente modelado quando viu o comportamento dos seus pais entrarem em contato com estímulos aversivos decorrentes da interação afetiva/sexual vivenciada no contexto da conjugalidade. Ela diz: “Eu gosto de ter vida própria, relacionamentos são confusos, as pessoas ferem os sentimentos, quem precisa disso? E a maioria dos casamentos acaba em divórcio hoje, como o dos meus pais”. Tal fato, dentre outros, pode ter colaborado para que ela não condicionasse o sentido da sua vida à espera de encontrar um homem que pudesse fazê-la feliz, ou a salvasse dos perigos do mundo, como os príncipes fazem com as princesas (Passinato, 2009).

Baldwin e Baldwin (1986) também enfatizam que a modelação inversa tende a ocorrer quando é reforçador para o comportamento da pessoa mostrar que não é uma pessoa conformista. Agir contrariamente a modelos sociais, é uma característica que o filme mostra a respeito do comportamento de Summer, não só em contextos de relações afetivas, mas em diversos outros campos. Isso fica claro no seguinte diálogo com Tom, sobre preferências musicais.

Summer - Qual é? Eu amo Ringo Starr.

Tom - Ninguém ama Ringo Starr.

Summer - Por isso eu o amo.

Infere-se, a partir do relato verbal de Summer, no decorrer da estória, que esta tenha reformulado a regra do modelo tradicional de relações afetivas, que diz que “uma

pessoa só será feliz quando encontrar o amor verdadeiro”. Summer questiona o modelo e comporta-se em função dos reforçadores naturais para o seu comportamento. Quando uma pessoa reformula uma regra, e esta passa a ser uma variável de controle do seu comportamento, esta passa a ser uma autorregra (Meyer, 2005, citado por Silva & Weber, 2006). Os comportamentos de Summer, no decorrer da estória, demonstram que ela se comporta sob o controle do estímulo da autorregra que emitiu ao dizer que gosta de ter vida própria, relacionamentos são confusos e não necessariamente tem que estar vivenciando uma relação afetiva nos moldes tradicionais para ser feliz.

6.4. Papel de gênero no comportamento de Summer

Ao longo das últimas décadas houve uma mudança significativa no controle social do comportamento feminino. Antes, a mulher devia exercer o seu papel de mãe, esposa, cuidadora e do lar, e somente assim poderia ter o seu comportamento socialmente reconhecido pelo grupo. Devido a mudanças históricas, como o advento da pílula anticoncepcional, o Movimento Feminista, a entrada para o mercado de trabalho e as faculdades, houve uma ampliação das possibilidades femininas (Carpenedo & Coller, 2004). O sexo ficou desvinculado do casamento e da procriação; o advento da pílula anticoncepcional permitiu que a maternidade, se ocorresse, fosse de acordo com a conveniência do momento; e as mulheres passaram a experimentar os reforçadores decorrentes de outras interações, dentre elas, o trabalho.

Apesar das mudanças ocorridas, Rocha e Coutinho (2000, citado por Carpenedo & Coller, 2004), chamam a atenção para o fato de que, junto com os novos modelos, os velhos ainda se fazem presente. E tal fato pode ser constatado com modelos ainda presentes na comunidade verbal, que ensinam as mulheres que podem sim ter seu espaço profissional, mas só serão verdadeiramente felizes quando encontrarem um

homem com quem possa estabelecer uma relação afetiva/sexual estável. Segundo Gonçalves (2007, citado por Pastana & Cols., 2010) a mulher solteira ainda é vista como “solitária, infeliz, frustrada e insatisfeita, considerada tanto vítima, quanto culpada de sua condição” (p.57).

Os modelos instituídos ainda presentes, tem especial caráter aversivo para algumas mulheres. Isso faz com que seja reforçador, para o comportamento de algumas, demonstrarem que as diferenças entre os sexos é algo irrelevante, e que não deixaram de fazer o que é reforçador para o seu comportamento, em função de se adequarem ao papel de gênero imposto pelo grupo. Muitas ainda assumem uma postura tipicamente masculina no modo de se comportar. A personagem Summer Finn representa de modo caricato esse grupo que teve seu comportamento inversamente modelado. No decorrer do filme, Summer apresenta topografias comportamentais tidas socialmente como masculinas. Tem um amplo histórico de relações afetivas, inclusive com uma pessoa do mesmo sexo, diz a Tom que não deseja um relacionamento estável, e deixa claro que só faz aquilo que é reforçador para o seu comportamento, em contraposição aos modelos sociais. Os três seguintes diálogos marcam bem essa postura.

Summer e Mackenzie:

Summer - Não acredita que uma mulher gostaria de ser livre e independente?

Mackenzie - Você é lésbica?

Summer - Não, não sou. Só não fico confortável sendo namorada de alguém. Não fico confortável sendo nada de ninguém. Eu gosto de ter vida própria (...) Somos jovens, moramos em uma das cidades mais lindas, podemos nos divertir enquanto podemos e guardar as coisas sérias para depois.

Mackenzie - Cacete! Você é um homem. Ela é um homem.

Tom e Summer:

Tom - Mas ele estava na sua vida, então por que dançou comigo?

Summer - Porque eu quis.

Tom e Summer:

Summer - Temos sido como Sid e Nancy ³há meses.

Tom - Sid esfaqueou a Nancy, sete vezes, com a faca de cozinha. Quer dizer, temos nossas diferenças, mas não acho que eu seja Sid Vicious.

Summer - Não, eu sou o Sid.

6.5. O controle por regras dos comportamentos de Tom

6.5.1. Existe uma predestinada.

Segundo a narrativa inicial do filme, a exposição precoce ao modelo social de relação amorosa, presente na comunidade de Tom, exerceu forte influência para o estabelecimento da regra que passaria a ser a variável de controle do seu comportamento no contexto de uma relação amorosa. De acordo com o modelo exposto a Tom, uma pessoa só pode ser verdadeiramente feliz quando encontra o seu par romântico, que está destinado a ser encontrado em algum momento da vida, e quando isto acontecer tudo fará sentido. Todas as outras coisas, como trabalho, amigos e lazer são aspectos secundários.

³ Sid Vicious foi baixista da banda Sex Pistols. Músico inglês reconhecido como um ícone da cultura Punk. Nasceu em Londres em 1957 e faleceu em Nova Iorque, 1979. Sid conhece Nancy e os dois vivem uma relação com muitos conflitos e uso de drogas. Nancy é encontrada morta no apartamento onde vivia com Syd e a culpa do crime recai sobre ele. Tal fato inspira um filme onde Syd mata Nancy com uma faca de cozinha.

A observação do comportamento de outra pessoa pode influenciar diretamente o comportamento de quem observa (Baldwin & Baldwin, 1986). Quando isto ocorre o comportamento observado serve de modelo para o comportamento do observador. Os modelos podem ser pessoas que participam ativamente na vida do observador ou podem ser simbólicos, como os apresentados nos livros, filmes, músicas, descrições verbais, dentre outros meios de transmissão cultural. A esse respeito, Baldwin e Baldwin enfatizam que “os observadores que vêem, ouvem ou lêem sobre o comportamento de um modelo, ganham informação sobre o comportamento e podem usar esta informação para orientar seu próprio comportamento” (p.164).

Segundo Baum (1994/1999) os modelos mais imitados são aqueles que representam sucesso e status dentro de um grupo. Ou seja, aqueles que têm dispensado aos seus comportamentos reforçadores generalizados, como admiração e respeito, dentre outros.

Infere-se a partir do que foi apresentando no filme, que Tom ao observar os modelos sociais, apresentados em filmes, livros e música, teve seu comportamento diretamente afetado. Tal fato pode ser claramente observado no seu modo de se comportar no contexto da relação amorosa que teve com Summer. Baum (1994/1999) enfatiza que, o controle por regras pode ser estabelecido quando um ouvinte escuta a verbalização de uma regra ou lê uma instrução, e esta passa a exercer controle sobre seu comportamento. Diante disso, infere-se pelo desenrolar da estória, que a aprendizagem de Tom, em relação a acreditar que só poderia ser verdadeiramente feliz quando encontrasse sua predestinada, deu-se em função da observação de modelos e regras transmitidas a ele por sua comunidade verbal, referente ao ideal de amor romântico.

Segundo Skinner (1974/2004) o estabelecimento do controle por regras se dá de maneira mais rápida do que a própria exposição às contingências. Tal fato pode ser observado com clareza no histórico do personagem. Tom, ainda na infância, antes de se expor às contingências presentes numa interação afetiva/sexual, com base nos modelos sociais apresentados, ficou estabelecido como regra para o seu comportamento que felicidade estava condicionada à realização do ideal de amor romântico. O narrador relata as seguintes contingências que preconizaram o estabelecimento desta regra:

O garoto, Tom Hansen, de Margate, Nova Jersey, cresceu acreditando que nunca seria verdadeiramente feliz até o dia em que conhecesse a predestinada. Essa crença vem de uma exposição precoce à triste música pop britânica e à má compreensão do filme “A Primeira Noite de um Homem”.

O protagonista do filme “A primeira Noite de um Homem”, é um jovem de nome Benjamin Braddock, que depois de formado voltou a morar com seus pais. Benjamin passa a ser assediado pela esposa do sócio de seu pai, Sra. Robson. No entanto, este a rejeita, e acaba apaixonando-se pela filha dela, Elaine. Revoltada, Sra. Robson conta ao marido o que ocorreu entre ela e o jovem. O pai da moça como forma de vingança muda de cidade sem deixar endereço, levando a mulher e a filha. Benjamin, muito apaixonado vai à busca de seu amor até encontrá-la. Quando a encontra, chega no dia de seu casamento. Diante disso, Benjamin enfrenta os pais da noiva, a família do noivo, o noivo, os convidados e foge com a amada. O filme termina com a cena do casal feliz partindo em um ônibus.

Ao comparar o comportamento do protagonista de “A primeira noite de um homem” ao comportamento de Tom, cabe inferir, que este foi um dentre os modelos, para o estabelecimento da regra de que Tom só seria feliz quando encontrasse sua

predestinada. Benjamin depois de formado retornou à casa dos pais, e sua vida só teve sentido quando encontrou Elaine e apaixonou-se por ela. De modo semelhante Tom formou-se em arquitetura, e conformou-se com o emprego que conseguiu, ficando a espera que sua predestinada chegasse para dar sentido a sua vida. As seguintes palavras de Tom e do narrador demonstram isso com clareza: “Tom - Eu precisava de um emprego e aqui estamos nós. Narrador - Tom conheceu Summer em oito de janeiro, e ele sabe imediatamente que ela é quem ele procurava”.

Regras são construídas no contexto de uma comunidade verbal e especificam para o indivíduo qual o modelo de comportamento que é reforçado pelo grupo (Baum, 1994/1999). O personagem Tom representa um jovem da sociedade contemporânea atual, a qual é fortemente marcada pelo ideal do amor romântico, com este se constituindo em fonte de glamorização da vida (Pastana & cols., 2010). Os filmes, as músicas e os contos de fadas que transmitiram a regra de que “só encontrando o amor verdadeiro Tom seria feliz” são produtos da comunidade onde o mesmo se encontra inserido (Lazarus, 1985/1992; Passinato, 2009).

O modelo idealizado de amor romântico transmitido pelos filmes, contos de fadas, livros, revistas e músicas são permeados de regras e conselhos que definem que características físicas e de personalidade o parceiro deve ter para que a relação dê certo, o que fazer para manter uma relação, o que fazer para conquistar o amor da sua vida e o que fazer para reconquistá-lo quando for necessário, dentre outras.

De acordo com Shilinger e Blakeli (1987, citado por Paracampo & Albuquerque, 2005) o comportamento descrito pela regra, pode ser emitido depois de passado certo tempo após a apresentação da mesma. Nesse caso o comportamento é evocado diante de estímulos descritos pela regra. Uma das regras referentes ao ideal do amor romântico é que “existe uma pessoa certa, predestinada para ser encontrada, e quando esta chegar à

peessoa logo saberá”. Esta regra também foi uma variável de controle encontrada para o comportamento de Tom, e foi transmitida ao personagem ainda na infância. No entanto, as respostas comportamentais descritas por ela foram emitidas quando Tom encontrou Summer. Nesse caso, Summer funcionou como um estímulo discriminativo para a emissão de topografias comportamentais emitidas por Tom a fim de conquistá-la, sob o controle da regra. Essa regra enquanto variável de controle para o comportamento de Tom pode ser verificada na cena que marca o diálogo entre o casal sobre o tema amor. Segue a descrição:

Summer - Não existe isso de amor, é fantasia.

Tom - Acho que você está errada.

Summer - Estar bem, então o que estou perdendo.

Tom - Acho que você saberá quando sentir.

6.5.2. Para que uma mulher seja namorada de um homem é necessário que seja bela.

O personagem Tom, de modo semelhante aos homens de sua idade, no contexto cultural onde vive, valoriza o atributo aparência física nas mulheres, e isso acaba tornando-se um pré-requisito para que uma mulher seja sua namorada. O fato de Summer ter se tornado um estímulo discriminativo (Sd) para que Tom se comportasse a fim de conquistá-la, é devido ao fato desta compartilhar características físicas valorizadas pelo grupo onde Tom está inserido. A seguinte narrativa demonstra isso com clareza.

(...) Summer Finn era a mulher. Altura mediana, peso mediano, pés um pouco maiores que a média, para todos os propósitos, ela era apenas mais uma garota. Mas ela não era. (...) Todo apartamento que Summer alugava

era oferecido a uma taxa em média 9,2% mais baixa que o valor de mercado. Na viagem de ida ao trabalho, recebia uma média de 18,4 olhadas por dia. Era uma qualidade rara, o efeito Summer, rara e algo que todo homem adulto encontrou pelo menos uma vez na vida.

Segundo Passinato (2009) com base no modelo do príncipe dos contos de fadas, os meninos aprendem que o pré-requisito primordial para que uma moça seja sua namorada são os atributos físicos. Os príncipes quando vêem as princesas se apaixonam de modo instantâneo por elas, de tão belas que estas são. O mesmo aconteceu com Tom Hansen quando viu Summer Finn. Isso fica claro através da seguinte narrativa: “Tom conheceu Summer em oito de janeiro, e ele sabe imediatamente que ela é quem ele procurava”.

Segundo Buss (1999, citado por Silva & Weber, 2006), embora os homens procurem em suas parceiras características como bondade, entendimento e habilidades para cuidar dos filhos “a atratividade da parceira tem uma importância desproporcionalmente maior do que outras qualidades” (p.58). A partir disso é possível inferir que apresentar-se para o grupo, onde se encontra inserido, ao lado de uma mulher tão bela quanto Summer, é especialmente reforçador para o comportamento dos rapazes, uma vez que são vistos como os competentes e homens de sucesso no que se refere ao padrão afetivo masculino. O discurso dos amigos de Tom a respeito do que consideram importante para estabelecerem um relacionamento afetivo sexual, também demonstra com clareza a regra de que aspectos físicos, de acordo com este modelo, são considerados um fator importante. Segue a narrativa:

Mckenzie - Contanto que ela seja bonita e esteja disposta né!

Paul - Acho que, tecnicamente, a garota dos meus sonhos, provavelmente teria um peito avantajado, cabelo diferente, provavelmente gostaria de esportes (...)

A comunidade verbal com frequência reforça o comportamento de pessoas que são esteticamente adequadas para o padrão de beleza instituído pelo grupo. Expressões “como beleza angelical” e produções artísticas como a poesia de Vinicius de Moraes em seu texto “Receita de Mulher” que ficou publicamente conhecido pela frase de efeito “as feias que me desculpem, mas beleza é fundamental”, demonstram com clareza que o padrão estético também se torna uma regra que, se seguida produz reforçadores relevantes e evita o contato com estímulos aversivos, decorrentes das interações sociais. Quando se trata de beleza feminina, esta é vista como um ideal a ser conquistado pelo homem, que entra em contato com reforçadores sociais, quando se apresenta com uma bela mulher ao seu lado; e um ideal a ser alcançado por outras mulheres, que se empenham em comportamentos a fim de se adequarem ao padrão. Ao belo, como bem constatado no diálogo a seguir, entre Tom e Mackenzie, é dada a permissão até da falta de educação.

Tom - Que merda! Por que garotas bonitas acham que podem tratar todos mal e ficar tudo bem?

Mackenzie - Séculos de fortalecimento.

6.5.3 Um amor que morreu pode renascer.

A regra, encontrada por Lazarus (1985/1992), baseado em relatos e gravações de sessões com pacientes, de que “um amor que já morreu pode renascer” (p.108) pode ser verificada no comportamento de Tom. Isso ocorre quando após o término do relacionamento, Tom se empenha em comportamentos com a função de produzir a

presença de Summer e restabelecer a relação. Ele procura estar em lugares onde possa encontrá-la e, nos momentos em que estão juntos, procura ser agradável, fazendo a lembrar os bons momentos que passaram juntos. A seguinte narrativa demonstra o fato com clareza: “Tom andou até o apartamento dela, intoxicado pela promessa da noite. Ele acreditava, que desta vez, suas expectativas iam se alinhar com a realidade.”

6.5.4. Afinidades garantem o sucesso de uma relação.

Segundo Ingberman (2004, citado por Silva & Weber, 2006), semelhanças existentes entre os parceiros levam a interações especialmente reforçadoras. As semelhanças compartilhadas entre Tom e Summer também se constituíram em uma variável de controle para reforçar o comportamento dele de acreditar que ela era sua predestinada. Isso pode ser observado na seguinte fala de Tom: “Ela gosta de Magritte e Hopper. Falamos sobre Banana Fish por uns 20 minutos, tão compatível, louco. Ela não é como achei que fosse, é incrível.”

Segundo Otero e Ingberman (2004, citado por Silva & Weber, 2006), afinidades e diferenças não são fatores que no início de uma relação terão como predizer se o relacionamento vai se estabelecer, uma vez que o início é marcado por atividades de lazer. Nessa fase os parceiros procuram mostrar o que têm de mais interessante a fim de que seus comportamentos sejam reforçados com a atenção e a admiração do outro. Ao longo da história de Tom e Summer, embora eles tivessem algumas afinidades, as diferenças tornaram a relação pouco reforçadora para o comportamento de Tom. Summer, sempre que podia, fazia questão de mostrar a Tom o quão diferente dele ela era. O que fica claro no seguinte diálogo entre o casal:

Tom - Em Londres, 1964, as garotas sabiam se vestir. Hoje, usam óculos enormes, tatuagens. Bolsas com cachorros dentro. Quem permitiu isso?

Summer - Algumas pessoas gostam.

Tom - Gosto de como se veste.

Summer - Estava pensando em tatuar uma borboleta no tornozelo.

6.5.5. O amor conquista tudo.

O enredo do filme deixa claro que o reforço significativo para o comportamento de Tom, devido ao controle social que a regra “só serei feliz quando encontrar quando encontrar a predestinada” exercia sobre o seu comportamento, era estabelecer com Summer uma relação amorosa nos moldes tradicionais de namoro. No entanto, este reforço não foi dispensado ao comportamento dele. Isso, desde o início de sua relação com Summer, onde ela deixou claro que o relacionamento, que teriam, seria apenas casual. Apesar desse fato, no decorrer da estória, Tom comportou-se o tempo todo em função de prolongar e manter a relação. Infere-se, a partir disso, que talvez o comportamento de Tom estivesse sob o controle da regra encontrada por Stenberg (1999, citado por Silva & Weber, 2006) de que “o amor conquista tudo”, se comportando em função de fazer com que os sentimentos de Summer por ele mudassem.

6.6. Variáveis que afetaram a permanência e a mudança do comportamento de Tom sob o controle de regras discrepantes das contingências

Segundo Newman, Buffington e Hemmes (2002, citado por Paracampo & Albuquerque, 2005), o seguimento de regras discrepantes das contingências “depende do esquema de reforço que reforça ou não o seguimento da regra” (p.234). O relacionamento entre Tom e Summer, é marcado a maior parte do tempo por esquema de reforço intermitente, para o comportamento de Tom, de responder de acordo com a regra de que Summer era sua predestinada. Isso ocorre após Summer dizer a Tom que

não deseja um relacionamento sério e passa a reforçar apenas algumas tentativas dele de se aproximar. Esse esquema fica claro nas palavras de Summer - “Não posso essa semana, que tal na próxima? Espero que signifique que estar pronto para sermos amigos”.

O esquema de reforço intermitente torna o comportamento sob o controle da regra discrepante das contingências mais resistente à extinção (Newman & Cols, 2002, citado por Paracampo, 2005). Fato que justifica a manutenção do comportamento de Tom de permanecer na relação com Summer, mesmo quando a relação tornou-se pouco reforçadora e com maior contato com estímulos aversivos. Isso pode ser observado em uma das cenas, onde Summer pune o comportamento de Tom, e ele vai embora chateado após discutir com ela. No entanto, em seguida ela o procura, e emite todos os reforçadores que tem elevada magnitude para o comportamento dele, como atenção, afeto e relação sexual disponível com ela. Esta cena, com ela na porta do apartamento dele é marcada pelo seguinte diálogo:

Summer - Eu não deveria ter feito aquilo.

Tom - O quê?

Summer - Ficado com raiva de você. Desculpa!

Segundo Zettle e Hayes (1982, citado por Paracampo, 2005) o seguimento de regras estará sob o controle de duas variáveis distintas, podendo ser o reforço emitido pelo grupo para o comportamento de seguir a regra (consequências sociais), ou sob as consequências que se seguirão após a emissão do comportamento sob o controle da regra. Apesar do controle social estabelecido para o seguimento da regra “encontrando o amor verdadeiro serei feliz” no comportamento de Tom, este experimentou alguns reforçadores naturais decorrentes da interação afetiva/sexual com Summer. No entanto, com o passar do tempo as consequências naturais reforçadoras para o seu

comportamento sob o controle da regra já não estavam mais sendo produzidas pela relação. Pelo contrário, Tom em muitos momentos estava tendo o seu comportamento punido por Summer. Diante disso, a probabilidade seria de que o Tom rompesse o relacionamento, o que não ocorreu. Fato este que demonstra com clareza que o comportamento de Tom estava mais sob o controle das consequências sociais mediadas para o responder de acordo com a regra, do que sob as consequências naturais decorrentes da interação com as contingências.

Segundo Skinner (1974/2004) o controle por regras é útil quando as contingências são estáveis, e torna - se problemático quando as contingências mudam e o controle exercido pela regra não. Isso faz com que o comportamento exercido sob o controle da regra, em muitos casos, entre em contato com estímulos aversivos ao invés de ser reforçado. Houve uma mudança nas contingências do relacionamento entre Tom e Summer, quando ela sinalizou de que não mais dispensaria ao comportamento dele os reforçadores provenientes da relação de intimidade com ela. Isto ocorre quando ela rompe o relacionamento com ele. Este fato fez com que o controle extenuante da regra de que Summer era sua predestinada, e todas as respostas emitidas sob este controle, se tornassem pouco precisas. A seguinte fala de Tom caracteriza essa variável de controle para os comportamentos que emitiu na tentativa de reconquistar Summer. “São uns mentirosos. Não quero superá-la. Quero-a de volta. Por um lado quero esquecê-la, pelo outro sei que ela é a única no universo que me faria feliz”.

Segundo Paracampo e Albuquerque (2005) “o seguimento de regras tende a deixar de ocorrer quando produz perda de reforçadores” (p.232). O controle da regra para o comportamento de Tom mudou quando este emitiu comportamentos com a função de restabelecer sua relação com Summer, que não foram reforçados. O não reforço da parte de Summer, aliado ao fato de Tom vê-la com uma aliança, o que foi

extremamente aversivo, fez com que o comportamento de procurá-la diminuísse de frequência.

O reforço emitido de modo intermitente para o comportamento de Tom no decorrer da relação com Summer tornou mais difícil a diminuição do efeito da regra de que ela era sua predestinada. Embora o enredo do filme gire em torno do questionamento dos mitos referentes ao amor romântico, em alguns casos, não necessariamente o controle da regra muda quando a pessoa entra em contato com estímulos aversivos na relação. O indivíduo pode continuar se comportando sob o controle de regras imprecisas em outros relacionamentos, e para este o predestinado continua a existir, só que o da relação anterior não era o “correto”.

Após discriminar a impossibilidade do relacionamento se restabelecer, Tom passa a emitir topografias de respostas nomeadas como depressão, onde não se alimenta, evita contatos sociais, emite respostas emocionais de choro, dentre outras. Nesse período Tom também questiona as regras que controlam seu comportamento, e discrimina o seu controle social.

Perceber que tudo em que você acredita é mentira é uma droga. Sabe!
Destino, almas gêmeas. Amor verdadeiro e todos aqueles contos de fada infantis (...). São esses cartões, os filmes e as músicas pop. São os culpados por todas essas mentiras.

O histórico de pouca exposição a contingências em contextos de relações afetiva/sexuais, pode ter se constituído em um, dentre os fatores, que fizeram com que Tom demorasse a responder às novas contingências. O seu comportamento era estável e só mudou devido ao contato com estímulos aversivos, e quando deixou de produzir reforçadores (Chase & Danforth, 1991, citado por Paracampo & Albuquerque, 2005). Cabe inferir que talvez pelo controle da regra “à espera da predestinada”, Tom não

tenha se exposto as contingências de um relacionamento de modo relevante, por não ter conseguido perceber em outras pessoas características de mulher descritas pelo modelo que controlava seu comportamento. O controle por regras pode tanto restringir quanto aumentar a variabilidade comportamental, a depender das condições em que é estabelecido (Paracampo & Albuquerque, 2005). No caso de Tom, a regra restringiu as possibilidades de variação do comportamento.

No decorrer do filme algumas regras úteis foram verbalizadas a Tom por seus amigos, irmã e também por Summer. Essas regras foram úteis por descreverem com mais precisão as contingências que Tom estava vivenciando, e poderiam produzir reforçadores para o comportamento dele, caso seguisse os conselhos. Dentre elas cabe citar:

Conselhos de Rachel

Só porque uma garota bonita gosta das suas bizarrices, não quer dizer que ela é “aquela”. É como nós falamos, ainda tem muito peixe no mar.

Diálogo entre Tom e Summer

Tom - Mas preciso de algo concreto. Mesmo sabendo que não vai acordar se sentindo diferente.

Summer - Eu não posso te dar isso. Ninguém pode.

As regras descritas por Rachel são especialmente úteis por questionar mitos referentes ao amor romântico, onde compartilhar gostos em comum, embora seja favorável, não é garantia de que uma relação será bem sucedida. E de fato, caso Tom se expusesse às novas contingências poderia conhecer outra pessoa, e com um novo relacionamento obter acesso aos reforçadores decorrentes de uma relação de intimidade. A regra descrita por Summer é verdadeira no sentido de que relações afetivas envolvem sensibilidade aos efeitos do comportamento de uma pessoa sobre a outra, e os

sentimentos decorrentes dessas interações podem mudar (Kolenberg & Tsai 1991/2001). No entanto, apesar de úteis, tais conselhos não foram seguidos por Tom logo após a emissão.

O não seguimento das regras descritas por Rachel pode ser explicado em decorrência da magnitude dos reforçadores obtidos na relação com Summer serem muito importantes para Tom, devido ao forte controle social exercido sob o comportamento dele; e também devido ao reforço descrito pela regra como forma de conselho, indicar uma consequência em longo prazo.

O conselho de Summer pode ter tido pouca utilidade, devido ao fato de Tom não ter um histórico mais amplo de exposição a contingências em contextos de relações amorosas. O comportamento de Tom sob o controle dos mitos, referentes ao ideal de amor romântico, como “há uma predestinada” e “o amor dura para sempre”, associado a pouca variabilidade, pode ter tornado pouco provável que ele discriminasse que ninguém pode dar garantias de um amor para sempre.

Segundo Carvalho e Medeiros (2005), o controle por regras discrepantes das contingências é fato que leva ao que cotidianamente chama-se de sofrimento, o que pode ser observado com clareza nas consequências produzidas pelo comportamento de Tom, enquanto seu comportamento estava sob o controle de regras imprecisas. Discriminar as regras que controlavam seu comportamento e a origem social delas, foi especialmente útil para Tom, que passou a se autoconhecer, e reformulou as regras antigas e imprecisas por outras que descreviam melhor as contingências que passaria a vivenciar. Nesse sentido, Tom emitiu autorregras, e passou a comportar-se sob este novo controle, se expondo a novas contingências. O que deixa clara a proposição de Carvalho e Medeiros (2005), ao enfatizarem que não basta a mudança na regra, é

necessário para que o novo repertório se estabeleça que o comportamento novo seja exposto às contingências, e seja reforçado em novas interações.

Tom, ao reformular a regra de que sua vida só teria sentido quando encontrasse um amor verdadeiro, deixou de se comportar apenas em função de encontrar alguém com quem pudesse viver uma relação nos moldes do amor romântico. O personagem se expôs às novas contingências. Isso fez com que pedisse demissão do emprego que pagava suas contas e passasse a se dedicar a profissão que escolheu, com o objetivo de experimentar os reforçadores provenientes da interação com o trabalho, o que cotidianamente é chamado de realização profissional. A última cena do filme é marcada pelo encontro ocasional com Autumn, onde por fim consegue visualizar os outros “peixes do mar” tanto mencionados por seus amigos e irmã. O filme termina com a seguinte narrativa sobre Tom: “Se Tom aprendeu algo, é que você não pode atribuir um significado cósmico a um simples evento terreno. Coincidência. É o que tudo é”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o presente estudo foi possível relacionar conceitos da Análise do Comportamento aos comportamentos emitidos pelos personagens Tom e Summer no contexto de uma relação amorosa.

Ao analisar a comunicação entre o casal, pode ser observado que o comportamento verbal de Tom se apresentava no contexto de modo manipulativo. O personagem apresentou respostas de racionalização, intraverbais e tatos distorcidos. Isso devido ao fato de que seu comportamento ocorria em função de não perder os reforçadores que Summer emitia para o seu comportamento, o que poderia ocorrer caso emitisse um tato puro.

Foram encontrados no comportamento de Tom regras imprecisas referentes ao ideal de amor romântico transmitido pelos modelos sociais. Sendo elas “um amor que morreu pode renascer”, “o amor conquista tudo”, “para que uma mulher seja namorada de um homem é necessário que seja bela”, “afinidades garantem o sucesso de uma relação”, “existe uma pessoa pré-destinada a ser encontrada”. No entanto, o controle dessas regras, por não descreverem com clareza as contingências que o personagem estava vivenciando, acabou por fazê-lo entrar em contato com diversos estímulos aversivos e também perder reforçadores para o seu comportamento, o que justifica o sofrimento que este vivenciou ao longo da estória.

O comportamento emocional de Tom no contexto da interação afetiva com Summer apresentou padrões respondentes e operantes, e pode ser observado o caráter fortemente social de algumas respostas emocionais. Dentre elas, cabe citar os comportamentos ciumentos que Tom emitiu quando Summer foi cortejada por outro homem. Tom, após se envolver em uma briga, ficou eufórico com seu feito, e esperava

que seu comportamento ciumento fosse reforçado por Summer. Isso devido ao fato de que o comportamento ciumento, em alguns contextos culturais, é tratado como demonstração de amor e afeto.

A observação dos comportamentos emitidos por Summer no decorrer do filme possibilitaram compreender o quanto as mudanças nos papéis de gênero nas últimas décadas possibilitaram as mulheres uma maior ampliação de possibilidades de interações afetivas. O controle que antes era de caráter fortemente social, atualmente é mais natural. Isso devido ao fato de que na atualidade, as mulheres têm a alternativa de se envolverem em uma relação que seja reforçadora para o seu comportamento, e não somente para serem aceitas pela sociedade porque têm um marido.

Os conceitos de modelação inversa e autorregras também puderam claramente ser observados no comportamento de Summer. A personagem se comportava em função de reforçadores que eram naturais para o seu comportamento, e deixava clara, pelo seu relato verbal, sua oposição aos modelos sociais estabelecidos.

O filme é especialmente rico em dados que podem ser aprofundados e úteis em análises futuras, dentre elas o comportamento verbal de Summer, e o fato de que apesar de todo o seu discurso moderno, ao final esta se casou nos moldes tradicionais do que seria uma relação reforçadora para o comportamento de Tom. Não se pretendeu com esse trabalho esgotar tais possibilidades.

Sugere-se que análise de filmes, que relacionem os conceitos da Análise do Comportamento ao comportamento de personagens em diversos contextos, seja algo mais presente nas produções acadêmicas. Isso devido ao fato de que facilitam o entendimento de tais conceitos, e também ilustra de modo significativo, um recorte de parte das contingências, que ocorrem na cultura vigente, e que exercem controle sob o comportamento das pessoas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Baum, W. M. (1999). *Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cultura*. (Coord. De trad. M. T. A. Silva & M. A. Matos). Porto Alegre: Artmed. (Obra originalmente publicada em 1994).
- Barros, R. S (2003). Uma introdução ao comportamento verbal. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. V, n. 1. pp. 73 - 82.
- Babo, T. & Jablonski, B. (2002). Folheando o amor contemporâneo nas revistas femininas e masculinas. *Alceu*. vol. 2 n. 4, jan./jun., pp. 36-53.
- Beltrão A. K. V. (2010). *Análise Documental do Filme “Alfie – O sedutor”*. 49f. Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Educação e Saúde do Centro Universitário de Brasília – Uniceub. Brasília, DF
- Baldwin, J. D. & Baldwin, J. I. (1986). *Behavior principles in everyday life*. New York: Prentice-Hall.
- Baumam, Z. (2004). *Amor líquido*. (Trad. C. A. Medeiros). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (obra originalmente publicada em 2003).
- Catania, A.C. (1999). *Aprendizagem: comportamento, linguagem e cognição*. (Coord. De trad. de D.G. Souza). Porto Alegre: Artmed. (Obra originalmente publicada em 1998).
- Cunha, L. S & Borloti, E. B. (2009). O efeito de contingências de reforçamento programadas sobre o relato de eventos privados. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. XI, n 2, pp. 209 – 230.
- Costa, N. & Barros, R. S. (2009). Ciúme: Uma interpretação analítico comportamental. *Acta Comportamentalia*. Vol. 18. n. 1. pp. 135-149.
- Carvalho, M. C. G. B & Medeiros, C. A (2005). Determinantes do seguimento da regra “antes mal acompanhado do que só”. *Universitas Ciências da Saúde – Vol. 03*. n. 01 – pp. 47 – 64.
- Carpenedo, C. & Koller, S. H. (2004). Relações amorosas ao longo das décadas: um estudo de cartas de amor. *Interação em Psicologia*. Vol. 8 (1). p. 1-13.
- Flores, E. P. (2004). O conceito de regras na linguagem cotidiana e na análise experimental do comportamento. *Estudos de Psicologia*, 9 (2), pp. 279-283
- Ferreira, A. B. H. (2004/2008). *Mini Aurélio*. 6 ed. *Revista e Atualizada*. *O dicionário da língua portuguesa*. (M, A., & M, B. F., Org). Paraná: Positivo.

Gomide, I. C. (2000). A influência de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. *Psicologia reflexão e critica*. vol.13 n.1 Porto Alegre. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722000000100014>

Acesso em 20/06/2013

Kohlenbreg, R. J. & Tsai, M. (2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando Relações Terapêuticas Intensas e Curativas*. (Trad. R.R. Kerbauy). São Paulo: ESETEC. (Obra originalmente publicada em 1991).

Lazarus, A. (1992). *Mitos Conjugais*. (Trad. J. V. Gomes) Campinas: Editorial Psy. (Obra originalmente publicada em 1985).

Moreira, M. B. & Medeiros, C. A. (2007). *Princípios básicos de análise do comportamento*. Porto Alegre: Artmed.

Matos, M. A. (1991). As Categorias Formais do Comportamento Verbal em Skinner. *Texto publicado nos anais da XXI reunião anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto*. p. 333 - 341.

Medeiros, C. A. (no prelo). Mentiras, Indiretas, Desculpas e Racionalizações: Manipulações e Imprecisões do Comportamento Verbal. *Comportamento em Foco*.

Medeiros, C. A. (2002a). Comportamento Verbal na Terapia Analítico Comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. IV. , n. 2, p. 105-118.

Medeiros, C. A. (2002b). Comportamento Verbal: O que é? E como vem sendo estudado. A, M. S. T., M, R. B. A., R, R. S. & S, S. C. (orgs). *Ciência do Comportamento: conhecer e avançar*. Vol. 1. pp. 161 -172. Santo André – SP: ESETEC.

Medeiros, C. A. & Rocha, G. M. (2004). Racionalização: um breve diálogo entre a psicanálise e a análise do Comportamento. B, M. Z. da S. , C. F. de S., B, F. S., I, Y. K., M, C. B. S, V. M. & O, S. M. (orgs). *Sobre Comportamento e Cognição*. Vol. 13. Contingências e Metacontingências: contextos socioverbais e o comportamento do Terapeuta. pp. 27-38. São Paulo: Esetec.

Matos, M. A. (2001). Comportamento governado por regras. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*. Vol. 3. n. 2 , p. 51- 66.

Paracampo, C. C. P. & Albuquerque, L. C. (2005). Comportamento controlado por regras: revisão crítica de proposições conceituais e resultados experimentais. *Interação em Psicologia*. 9, (2). pp. 227-237.

Pastana, M. & Maia, A.C.B. & Maia, A. F. (2010). Análise sobre relacionamentos amorosos no livro “Sex And The City”. *Revista de Psicologia da Unesp*. 9 (2). pp. 55-65.

Passinato, Viviane. (2009). *Análise comportamental dos Contos de Fadas: Uma questão de Gênero*. 64f. Monografia de conclusão do curso de Psicologia da Faculdade

de Ciências da Educação e Saúde, do Centro de Ensino Universitário de Brasília – Uniceub. Brasília – DF

Ribeiro, M. R. (2006). O Show de Truman: A escolha por um controle mais livre. G., H. J. & A, N. C (Orgs.). *Sobre comportamento e cognição. Vol. 18*. São Paulo: Esetec.

Silva, M. C. & Weber, L. N. D. (2006). Regras e auto - regras: um estudo sobre o comportamento de mulheres no relacionamento amoroso. G, H. J. & A, N. C. (Orgs.). *Sobre comportamento e Cognição. Vol. 18*. Expondo a variabilidade. pp. 55-70. São Paulo: Esetec.

Silveira, M. (2004). Uma discussão do filme *The Bridges Of Madson County* de acordo com a Análise Comportamental. *Revista Terra e Cultura* – n 42. Ano 22. pp.

Skinner, B. F. (2004) *Sobre o Behaviorismo*. (Trad. M. P. Villalobos). São Paulo: Cultrix. (Obra originalmente publicada em 1974).

Skinner, B. F. (1993) *Ciência e Comportamento Humano*. (Trad. J. C. Todorov). São Paulo: Martins Fontes. (Obra originalmente publicada em 1953)

Skinner, B. F. (2002). *Questões Recentes na Análise Comportamental*. (Trad. A.L. Neri). São Paulo: Papyrus. (Obra originalmente publicada em 1989).

Zordan, P. (2008). Mitos Conjugais: a perspectiva dos adultos jovens. 9f. Artigo não publicado derivado da dissertação de Mestrado da autora. *Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-RS*.

Zordan, P & Falcke, D. & Wagner. A. (2009). Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista, v.15, n. 2*, Belo Horizonte. pp. 56-76.